



FACULDADE TEOLÓGICA BATISTA EQUATORIAL
DEPARTAMENTO DE TEOLOGIA
CURSO DE BACHARELADO EM TEOLOGIA

CRESCIMENTO DE IGREJA

**UMA ANÁLISE CRÍTICA DO PENSAMENTO DE CHRISTIAN A.
SCHWARZ SOBRE O DESENVOLVIMENTO NATURAL DA IGREJA**

REGINALDO FERMIANO DE SOUZA

BELÉM-PARÁ
2010



FACULDADE TEOLÓGICA BATISTA EQUATORIAL
DEPARTAMENTO DE TEOLOGIA
CURSO DE BACHARELADO EM TEOLOGIA

CRESCIMENTO DE IGREJA

**UMA ANÁLISE CRÍTICA DO PENSAMENTO DE CHRISTIAN A.
SCHWARZ SOBRE O DESENVOLVIMENTO NATURAL DA IGREJA**

REGINALDO FERMIANO DE SOUZA

Trabalho de Conclusão de Curso (TCC) apresentado a Faculdade Teologia Batista Equatorial, para obtenção do grau de Bacharel em Teologia, sob a orientação do Professor Me. Antonio Carlos Soares.

BELÉM-PARÁ
2010

CRSCIMENTO DE IGREJA

UMA ANÁLISE CRÍTICA DO PENSAMENTO DE CHRISTIAN A. SCHWARZ SOBRE O DESENVOLVIMENTO NATURAL DA IGREJA

REGINALDO FERMIANO DE SOUZA

Trabalho de Conclusão de Curso (TCC) apresentado a Faculdade Teologia Batista Equatorial, para obtenção do grau de Bacharel em Teologia, sob a orientação do Professor Me. Antonio Carlos Soares.

Banca Examinadora:

1: _____
Prof. Me. Antonio Carlos Soares
FATEBE

2: _____
Prof. Benildo Veloso
FATEBE

32: _____
Prof. Lucas Barbosa
FATEBE

Aprovado em: ____/____/____

Conceito: _____

À minha esposa e companheira de ministério, Sintique Silva de Souza que com seu amor e compromisso uniu-se a mim na implementação dos princípios cristãos e sempre acreditou sem nunca hesitar. Aos meus filhos que me deram forças e que me impulsionaram a seguir em frente para a realização desse projeto.

Reginaldo Fermiano de Souza

AGRADECIMENTOS

Primeiramente a Deus que sempre iluminou minha vida e nos momentos mais adversos está presente me auxiliando.

À Síntique Souza, minha esposa que acreditou em mim ajudando-me em todos os momentos, e sempre acreditou e incentivou em todos os momentos de jornadas para esta formação.

Aos meus filhos Abner, Jônatas e Tito, que acreditaram em mim e que de alguma forma ajudara-me nessa caminhada, apoiando, incentivando-me na busca de meus objetivos.

Ao meu orientador Professor Antonio Carlos Soares que sempre me deu forças me orientando e incentivando neste projeto. Meu Pastor, colega de ministérios e companheiro na missão que temos abraçado.

À Congregação Batista Esperança que sempre me apoiou nesta caminhada, compreendendo-me nos momentos em que estive ausente das atividades ministeriais acompanhando-me em oração.

Aos alunos da primeira turma de Aproveitamento de Curso da Faculdade Teológica Batista Equatorial – FATEBE, que sempre apoiaram mutuamente.

Ao Professor Dr. Douglas Rodrigues da Conceição que foi muito importante na preparação de projetos e para a realização desta pesquisa.

Ao Pr. Antonio Ronaldo Fermiano de Souza que foi um grande incentivador e colaborador para a realização deste empreendimento.

Reginaldo Fermiano de Souza

A observação da tríplice tarefa de Exaltar o Salvador, Equipar os Santos e Evangelizar o Pecador levará qualquer igreja a permanecer concentrada no exercício pleno da Grande Comissão.

Danny R. Cochran

O potencial natural é o conceito que o próprio criador colocou na sua criação. Aprendendo da criação de Deus: nos menores Micro-organismos como nos mecanismos de funcionamento do cosmo encontramos o princípio da auto-organização.

Christian A. Schwarz

Você pode medir a força e a saúde de uma igreja mais pela capacidade de enviar missionários do que pela quantidade de bancos que possui.

Rick Warren

RESUMO

O presente trabalho é uma análise crítica do pensamento de Christian A. Schwarz, sobre o crescimento de igreja, em sua obra *O desenvolvimento Natural da Igreja*. Na primeira parte faremos um resumo panorâmico do desenvolvimento da igreja no Novo Testamento, inicialmente a igreja primitiva, enfocando o cumprimento da grande comissão e concluindo com uma visão panorâmica da história da igreja ao longo dos séculos. Na segunda parte o objetivo é compreender o pensamento de Schwarz, sobre o crescimento da igreja, e que o seu modelo de crescimento pode contribuir para gestão eclesial. Na terceira parte faremos uma análise crítica dos pressupostos apresentados por Schwarz, sobre o crescimento natural da igreja, fechado esta parte com uma visão de gestão e crescimento de igreja.

Palavras chaves - crescimento, desenvolvimento, gestão, modelo, princípio, igreja.

ABSTRACT

This work is a critical analysis of the thought of Christian A. Schwarz, on the growth of the church in his book *Natural Church Development*. In the first part we will make a panoramic overview of the development of the New Testament church, originally the early church, focusing on the fulfillment of the great commission and concluding with an overview of church history over the centuries. In the second part the goal is to understand the thinking of Schwarz, on the growth of the church, and that its growth pattern may contribute to church management. In the third part we will review the assumptions made by Schwarz, on the natural growth of the church, closed this part with a vision of management and church growth.

Keywords - growth, development, management, model, principle, church.

Lista de Abreviaturas

Ap – Apocalipse

AT – Antigo Testamento

At – Atos

d.C. – Depois de Cristo

Hb – Hebreus

Is – Isaías

Jo – João

Lc – Lucas

Mt – Mateus

1Co – Primeira aos Coríntios

DNI – Desenvolvimento Natural de Igreja

SUMÁRIO

ELEMENTOS PRÉ-TESTUAIS	1 a 12
1. INTRODUÇÃO	13
2. BREVE HISTÓRICO DO MOVIMENTO DE CRESCIMENTO DE IGREJAS	16
2.1 NO NOVO TESTAMENTO	16
2.1.1. O Crescimento da Igreja Primitiva	17
2.1.2. Cumprindo a grande comissão	19
2.2. VISÃO PANORÂMICA DE CRESCIMENTO NA HISTÓRIA DA IGREJA	21
2.3. MOVIMENTO DE CRESCIMENTO DE IGREJAS NOS ÚLTIMOS ANOS	27
3. COMPREENSÃO DO PENSAMENTO DE CHRISTIAN A. SCHWARZ	29
SOBRE O CRESCIMENTO DE IGREJA	
3.1. CRESCIMENTO DE IGREJA CONFORME SCHWARZ	29
3.2. TEOLOGIA DE CHRISTIAN A. SCHWARZ	46
4. ANÁLISE CRÍTICA DO PENSAMENTO DE SCHWARZ, NA OBRA O	
DESENVOLVIMENTO NATURAL DA IGREJA	48
4.1. CONTRIBUIÇÕES DE SCHWARZ	48
4.2. LACUNAS NO PENSAMENTO DE SCHWARZ	50
4.3. CIENTIFICIDADE DE SCHWARZ	54
4.4. GESTÃO E CRESCIMENTO DA IGREJA	58
CONCLUSÃO	62
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	66
ANEXOS	68

1. INTRODUÇÃO

O crescimento da Igreja tem sido um tema muito debatido tanto no meio teológico, quanto entre os leigos cristãos de um modo geral. Entretanto, pouco se tem compreendido sobre o assunto. Alguns devido à falta de compreensão acabam por alijar-se das discussões, outros possuem uma compreensão errada que acaba por afetar a aplicação e a transmissão, de forma que a mensagem é negativamente deturpada.

São poucos os que realmente possuem um entendimento claro do assunto, todavia muitas vezes são estes poucos que têm feito diferença, investindo em seminários, treinamentos, clínicas de crescimento etc. Em busca de caminhos que possam contribuir substancialmente para o crescimento da igreja. É exatamente neste contexto, que líderes e cristãos precisam compreender os princípios de crescimento que comprovadamente produziram crescimento.

A compreensão do que é crescer, tem sido no geral deturpada e errônea. Muito se tem divulgado sobre metodologia de crescimento, mas na realidade pouco se tem realmente compreendido em sua plenitude. Existem várias linhas de pensamento, sendo difícil identificar claramente qual delas se aplica a cada realidade local.

Alguns ensinam que o correto é copiar o modelo de igrejas que crescem, importando toda a metodologia, outros acreditam possuir a única visão correta e ainda outros defendem a realização de pequenas adaptações, dando seu próprio perfil ao projeto. Todavia, existem alguns que acreditam ser melhor encontrar os princípios por trás dos modelos, aplicando-os então na gestão da igreja e logo os resultados virão.

Para Rick Warren crescer é uma consequência e não um fim em si mesmo. “Crescimento é o resultado natural de uma igreja sadia e igreja sadia é aquela que mantém uma mensagem bíblica e uma missão equilibrada. Crescimento não é fruto de um único fator, mas sim de um conjunto de fatores que cooperam entre si.”¹

¹ Warren, Rick. **Uma Igreja Com Propósitos**. Editora Vida. 2001. p53

Já Robinson, defende o princípio de que a igreja conta com todos os recursos de que precisa para realizar o que Deus tem para ela realizar. “esses recursos são o poder de Deus em ação através da vida dos seus membros.”² A comunhão produzirá o crescimento.

No entanto, Moore frisa que evangelismo é uma importante ferramenta para o crescimento, mas não basta somente evangelizar, deve haver ensino e instrução através do discipulado. Para ele “Discipulado é a forma mais rápida de multiplicar líderes”³ A estratégia do discipulado deve ser praticada por todos e não somente pela liderança.

Um dos grandes problemas do crescimento de igreja reside no fato de que muitos supervalorizam os modelos de igrejas que crescem. Desta forma alguns líderes de igreja repassam seus “modelos de crescimento”, como sendo um princípio universalmente válido para qualquer igreja ou situação. Não obstante, algumas igrejas simplesmente copiam estes modelos, sem preocuparem-se em identificar até que ponto sua realidade assemelha-se à realidade da igreja modelo.

Gerir crescimento é acima de tudo trabalhar ministerialmente, especialmente no que tange ao cumprimento da Grande Comissão. Sendo assim, crescer é envolver todos no cumprimento da ordem do Senhor: “fazer discípulos”. Crescer é desenvolver a igreja como um todo e não somente uma parte dela, um departamento ou ministério. Todavia, para que isto seja uma realidade faz-se necessário o estabelecimento de estratégias específicas, visando tornar a igreja um ambiente efetivamente propício ao crescimento. Para isso, uma leitura contextualizada do tema demonstrará a riqueza e a atualidade do debate sobre crescimento de igreja.

O presente trabalho tem como objetivo analisar de forma crítica, a obra “O Desenvolvimento Natural da Igreja” de Chistian A. Schwarz (1996). Faremos uma análise para maior elucidação dos pressupostos elaborados pelo autor em sua obra, seus benefícios, utilização e princípios para o crescimento da igreja. Antes de iniciar as reflexões que incidem mais propriamente sobre a obra do autor, buscaremos expor no primeiro capítulo, uma visão

² ROBINSON, Darrell W. **Vida Total da Igreja**. Rio de Janeiro: JUERP, 2001. p25

³ MOORE, Waylon. **Multiplicando Discípulos**. Rio de Janeiro: Juerp. 1983. p32

do crescimento na história da igreja primitiva, passando pela era pós-apostólica, a reforma até os dias atuais.

No segundo capítulo, buscaremos compreender o pensamento apresentado pelo autor, procurando conhecer o cerne das marcas de qualidade, onde se encontra é o segredo para o desenvolvimento do potencial que o Criador privilegiou a igreja, bem como entender a teologia bipolar e forma de gerir a igreja em busca de um crescimento saudável.

No terceiro capítulo faremos uma análise crítica do pensamento do autor, inicialmente abrangendo suas contribuições para as igrejas em geral, compreender o gerenciamento da igreja e análise crítica de possíveis lacunas existentes na obra, uma análise da cientificidade para formular as marcas de qualidade, e uma visão comparativa com o acervo literário sobre o crescimento de igreja para fazer uma intercessão contrapondo como pensamento de Schwarz, sobre crescimento de igreja. Entre eles estão: Rick Warren (Uma Igreja Com Propósitos), Darrel W. Robinson (Vida Total da Igreja), Bill Donahue & Russ Robinson (Edificando Uma Igreja de Grupos Pequenos), Bill Hybels (Rede Ministerial), Ed Renne Kvitz (Quebrando Paradigmas) e outros.

A conclusão será uma reflexão tendo o crescimento como um instrumento crítico, privilegiando o conceito que possa contribuir para um melhor entendimento do que é crescer de forma natural. No final, algumas perspectivas são apontadas para o crescimento, a fim de repensar o que é crescer, para o cristão, a igreja e liderança em geral, contribuindo assim com o debate ético e eclesialístico.

2. BREVE HISTÓRICO DO MOVIMENTO DE CRESCIMENTO DE IGREJAS

2.1. No novo testamento

O livro de Atos é, indiscutivelmente, o maior tratado de missões nas Escrituras Sagradas. Começa com uma definição estratégica e geográfica da Grande Comissão. A missão designada é “ser testemunha”, o poder vem do Espírito Santo e a estratégia é lançada: “Jerusalém, Judéia, Samaria e confins da terra” (At 1.8). O avanço do evangelho foi gradativo e aquela pequena igreja seguia crescendo. Quanto a isso, Luiz Cechinato afirma:

“Os cristãos não tinham exército nem poder político. Sua arma não era a espada nem a violência. Eles não agrediam: eram agredidos. Não matavam: eram mortos. Não se vingavam: perdoavam. Pela lógica deste mundo, a Igreja era para ter-se acabado logo de início. Pois, seu maior adversário era o Império Romano, que possuía exército poderosíssimo e dominava quase todos os povos. No entanto, o Evangelho foi avançando. A pequena comunidade cristã foi crescendo. O imperador Constantino converteu-se. A Igreja venceu.”⁴

Depois de sua ressurreição, Jesus deu instruções finais aos discípulos e ascendeu ao céu (At 1.1-11). Os discípulos voltaram a Jerusalém e se recolheram durante alguns dias para jejum e oração, aguardando o Espírito Santo, o qual Jesus disse que viria.

Cerca de 120 pessoas seguidoras de Jesus aguardavam. Após a Páscoa, no dia de Pentecoste, um som como um vento impetuoso encheu a casa onde o grupo se reunia. Línguas de fogo pousaram sobre cada um deles e começaram a falar em línguas diferentes da sua conforme o Espírito Santo os capacitava. Os visitantes estrangeiros ficaram surpresos ao ouvir os discípulos falando em suas próprias línguas. Alguns zombaram, dizendo que deviam estar embriagados (At 2.13). Mas Pedro fez calar a multidão e explicou que estavam dando testemunho do derramamento do Espírito Santo predito pelos profetas do Antigo Testamento (AT) (At 2.16-21; At 2.28-32). Alguns dos observadores estrangeiros perguntaram o que deviam fazer para receber o Espírito Santo. Pedro disse: “Arrependei-vos, e cada um de vós seja batizado em nome de Jesus Cristo, para remissão dos vossos pecados, e recebereis o dom do Espírito Santo” (At 2.38). Cerca de três mil pessoas aceitaram a Cristo como seu Salvador

⁴ CECHINATO, Luiz. **Os vinte séculos da caminhada da Igreja**. Petrópolis-RJ: Vozes, 1996. p46

naquele dia (At 2.41). Abre-se assim na história da igreja primitiva, uma sucessão de fatos que vão contribuir sobremaneira para o crescimento da igreja.

2.1.1. O Crescimento da Igreja Primitiva

Durante alguns anos, Jerusalém foi o centro da igreja. Muitos judeus acreditavam que os seguidores de Jesus eram apenas outra seita do judaísmo. Suspeitavam que os cristãos estivessem tentando começar uma nova “religião de mistério” em torno de Jesus de Nazaré. É verdade que muitos dos cristãos primitivos continuaram a cultuar no templo (At 3.1) e alguns insistiam em que os convertidos gentios deviam ser circuncidados (At 15). Mas os dirigentes judeus logo perceberam que os cristãos eram mais do que uma seita. Jesus havia dito aos judeus que Deus faria uma Nova Aliança com aqueles que lhe fossem fiéis (Mt 16.18); ele havia selado esta aliança com seu próprio sangue (Lc 22.20). De modo que os cristãos primitivos proclamavam com ousadia haverem herdado os privilégios que Israel conhecera outrora. Não eram simplesmente uma parte de Israel, mas o novo Israel (Ap 3.12; 21.2; Mt 26.28; Hb 8.8; 9.15). Melvill afirma que “Os líderes judeus tinham um medo de arrepiar, porque este novo e estranho ensino não era um judaísmo estreito, mas fundia o privilégio de Israel na alta revelação de um só Pai de todos os homens.”⁵

Deus operava milagres por intermédio dos primeiros cristãos. Enfermos reuniam-se no templo para serem tocados pelos apóstolos. (At 5.12-16). Muitos criam que os cristãos estavam verdadeiramente servindo a Deus. As autoridades do templo se esforçavam para eliminar o interesse das pessoas na nova religião. Os discípulos que iam sendo presos eram libertados pelo anjo do Senhor. (At 5.17-20), E isso provocou mais agitação.

A igreja crescia com tanta rapidez que os apóstolos tiveram de nomear sete homens para distribuir alimento às viúvas necessitadas. O líder desses homens era Estevão, “homem cheio de fé e do Espírito Santo” (At 6.5). Aqui vemos o início do governo (gestão) eclesiástico. Os apóstolos tiveram de delegar alguns de seus deveres a outros dirigentes. À medida que o tempo passava, a igreja crescia e precisava de uma gestão mais organizada.

Estevão é acusado de blasfêmia e os judeus o levam à presença do conselho do sumo sacerdote. Estevão faz uma eloquente defesa da fé cristã, explicando como Jesus

⁵ HENRY Melvill Gwatkin, **Early Church History**, 1980. p18

cumpriu as antigas profecias inerentes ao Messias que libertaria seu povo da escravidão do pecado. Ele denunciou os judeus como “traidores e assassinos” do filho de Deus (At 7.52). Erguendo os olhos para o céu, ele exclamou que via a Jesus em pé à destra de Deus (At 7.55). Isso enfureceu os judeus, que o levaram para fora da cidade e o apedrejaram até a morte. (At 7.58-60).

Esse fato deu início a uma onda de perseguição que levou muitos cristãos a fugirem de Jerusalém (At 8.1). Alguns desses cristãos estabeleceram-se entre os gentios de Samaria, onde fizeram muitos convertidos (At 8.5-8). Várias congregações foram implantadas em várias cidades gentias, como Antioquia da Síria. No início os cristãos hesitavam em receber os gentios na igreja, porque eles viam a igreja como um cumprimento da profecia judaica. No entanto, Cristo havia instruído seus seguidores a fazer “discípulos de todas as nações, batizando-os em nome do Pai e do Filho e do Espírito Santo” (Mt 28.19). Assim, a conversão dos gentios foi o cumprimento da comissão do Senhor Jesus, isto é, o resultado natural de tudo o que havia acontecido. Portanto, o assassinato de Estevão deu início a uma era de rápido desenvolvimento da igreja.

Dando continuidade a esse desenvolvimento vemos que as rotas comerciais traziam mercadores e embaixadores através da Palestina, onde eles entravam em contato com o evangelho. Dessa maneira, no livro de Atos temos o registro da conversão de oficiais de Roma (At 10.1-48), da Etiópia (At 8.26-40).

Após a morte de Estevão, a igreja dá início a uma atividade sistemática para levar o evangelho a outras nações. Pedro vai às principais cidades da Palestina, pregando tanto a judeus como aos gentios. Outros, para a Fenícia, Chipre e Antioquia da Síria. Ao ouvir que o evangelho era bem recebido nessas regiões, a igreja de Jerusalém enviou a Barnabé para incentivar os novos cristãos em Antioquia (At 11.22-23). Barnabé foi para Tarso em busca do jovem convertido Saulo levando-o para Antioquia, onde ensinaram na igreja durante um ano (At 11.26).

Herodes Agripa estava perseguindo a igreja em Jerusalém; Ele já havia executado a Tiago, irmão de João, e tinha lançado Pedro na prisão (At 12.1-4). Assim os cristãos de Antioquia coletaram recursos, e enviaram Barnabé e Paulo com o socorro. Os dois voltaram de Jerusalém levando um jovem chamado João Marcos (At 12.25). Por esta ocasião, diversos

evangelistas haviam surgido no seio da igreja de Antioquia, de modo que a congregação enviou Barnabé e Paulo numa viagem missionária à Ásia Menor (At 13-14). Esta foi a primeira de três grandes viagens missionárias que Paulo fez para levar o evangelho aos recantos longínquos do Império Romano. Os primeiros missionários cristãos concentraram seus ensinamentos na Pessoa e obra de Jesus Cristo. Declararam que ele era o servo impecável e Filho de Deus que havia dado sua vida para expiar os pecados de todas as pessoas que depositavam sua confiança nele (Rm 5.8-10). Ele era aquele a quem Deus ressuscitou dos mortos para derrotar o poder do pecado. (Rm 4.24-25; 1Co 15.17).

2.1.2 Cumprindo a grande comissão

No livro de Atos, apóstolos e evangelistas chamados por Deus pregavam o evangelho publicamente e de casa em casa, acompanhados de sinais e maravilhas que atraíam a atenção dos pecadores. Aqueles que se arrependiam e acreditavam no Senhor Jesus se dedicavam aos ensinamentos dos apóstolos, e regularmente se reuniam em casas onde aprendiam a Palavra de Deus. Tymchak afirma:

“A ordem de Jesus, que em Mateus apelava ao discipulado, batismo e ensino (Mt 28.19,20), em Marcos conclamava a pregação e aos sinais (Mc 16.15-18); em João enfatizava a presença de Espírito Santo (Jo 20.21,22); e em Atos torna-se mais clara ainda em seus alvos e metas. A missão é designada (ser testemunha), o poder é explicado (a vinda do Espírito Santo) e a estratégia é lançada (Jerusalém. Judéia, Sumaria e confins da terra). No entanto, a igreja demorou a entrar, de forma contundente, na era de missões. Inicialmente, em Atos 1.14, temos a igreja expectante, mas de portas fechadas (2.13). Era uma igreja instruída e conhecedora do Mestre e da mensagem de primeira mão. Era uma igreja de louvor e adoração; uma congregação unida e que resolvia seus problemas internos (1.15-26), mas que não tinha poder, não conhecia a ação do Espírito Santo e, por isso, não tinha ainda capacidade de testemunhar como seria desejado.⁶

Em Atos no capítulo 2, encontramos uma igreja cheia do Espírito Santo. Aqui aparece um testemunho forte e resultados extraordinários (At 2.41 e 4.4). Jerusalém se torna uma grande igreja vivendo uma intensa comunhão (At 4.32); conhecedora do poder da oração (At 4:23 a 31); perseverante na doutrina (At 2.42); que presenciava prodígios e sinais de Deus (At 2.43 e 5.12); e que resolvia seus problemas disciplinares (At 5.1-11), lutas internas (At

⁶ TYMCHAK Waldemiro, (Equipe da JMM) **Missões em Um Mundo Sem Fronteiras**. RJ: JUERP, 2004. p130

6.1-7) e externas (At 5.17 a 32), com eficácia. Mas era uma igreja voltada para sua cidade e nada mais.

Faltava algo para o cumprimento da ordem estratégica dada pelo Mestre e a igreja ainda não entendera o conceito de missões. Era uma igreja concentrada em si mesma, voltada para um crescimento local, sem expansão para além de sua localidade. No entanto a partir de (At 8 a 12), a igreja, finalmente, sai de Jerusalém. Uma saída provocada mais por perseguição e necessidade do que por consciência missionária (At 8.1 e 4). Os primeiros resultados surgem em Samaria (At 8.4-25) e se expandem à Judéia e Galiléia (At 9.31), Fenícia, Chipre e Antioquia (At 11.19), África (At 8.26-40) entre outras raças, como os romanos (At 10.1-46). Agora vemos uma igreja em expansão, que vê os sinais do poder de Deus (At 8.6,7; 9.36 a 43), que resolve suas situações internas (At 11.1-18) e enfrenta o inimigo em oração (At 12.9 a 19).

Por enquanto, a expansão é um tanto desordenada, sem estratégia, sem preparação e sem uma significativa prestação de contas. Não há, verdadeiramente, envio de obreiros preparados e conscientes de uma missão. Mas os resultados começam a surgir.

Finalmente a partir de Atos 13, com a igreja de Antioquia, vemos a comissão de Jesus sendo seguida de forma consciente, com agenda própria e preparação prévia. Conforme Tymchak:

“A cidade de Antioquia, com seu ar cosmopolita e acostumada a grande troca de mercadorias e idéias, parecia o lugar ideal para o surgimento de uma igreja nova e com visão missionária. A igreja ali é multiétnica (13.1), tendo surgido da quebra do paradigma da pregação apenas aos judeus (11.19,20). Digno de nota é o fato de que aquela igreja, pioneira do movimento missionário consciente, é o local aonde o nome *cristão* foi cunhado e recebido como sinônimo dos seguidores de Jesus (11.26). Antioquia era, então, uma igreja dadivosa (11.29), com liderança partilhada (13.1), forte nas disciplinas religiosas da oração e jejum (13.3) e acostumada a ouvir a orientação de Deus (13.2) e segui-la (13.3). A chamada missionária, que surge nesta igreja, nos dá sinais importantes do modo como Deus escolhe missionários.”⁷

Para o desenvolvimento natural da igreja se faz necessário, ministros preparados, experientes e cheios do Espírito Santo. Para o crescimento da igreja Tymchak diz que:

“Barnabé fora o enviado de Jerusalém para verificar a autenticidade da conversão dos gentios (At 11.23). Paulo fora a escolha de Barnabé para o desenvolvimento da

⁷ TYMCHAK Waldemiro, (Equipe da JMM) **Missões em Um Mundo Sem Fronteiras**. RJ: JUERP, 2004. p132

igreja (At 11.25,26). Eram os mestres daquela congregação e seus mais valiosos representantes (At 11.30). No entanto, são eles os chamados e foram os enviados.”⁸.

Com o início do ministério missionário de Paulo, que se confunde com a obra missionária consciente da igreja. Paulo vai desenvolver um programa de viagens missionárias de grande monta para o crescimento da igreja, conforme cita Waldemiro Tymchak:

“Paulo e Barnabé, e depois Paulo e Silas seguem uma espécie de programa que David Hesselgrave apelidou de “ciclo paulino”. O historiador de Missões, Stephen Neil, vê o apóstolo Paulo como “o maior e, provavelmente, o mais sistemático de todos os primeiros missionários” (1). O objetivo do ministério de Paulo, claramente exposto em Atos, era a plantação de igrejas nos locais aonde os missionários chegavam. O "ciclo" passava por um primeiro contacto com as sinagogas (13.5), seguido do alcance dos gentios, após a rejeição do Evangelho pelos primeiros (13.45). A pregação entre os gentios se dá ao ar livre (14.8-10), em locais de reunião pública, como praças (18.17) ou em locais mais privados, como o Areópago (17.19), em casas (18.7) ou escolas (19.9). Os convertidos eram discipulados (14.21,22), e líderes locais eram eleitos e consagrados para dar continuidade à obra (14.23). Desse modo as igrejas nascentes não ficavam dependentes de Paulo ou de outros obreiros de Antioquia ou de Jerusalém, mas se tornavam independentes, auto-dirigidas e com características claramente locais. Desse modo, também, o missionário Paulo não se prendia a um só local, mas ia sempre mais além.”⁹

Os primeiros capítulos do livro de Atos registram o começo e a expansão da Igreja Primitiva, a partir da cidade de Jerusalém. Após receberem o Espírito Santo, os discípulos, começam a pregar com ousadia a Palavra de Deus. Como resultado dessa atitude, a Igreja foi caindo na graça do povo e o número dos salvos foi crescendo diariamente, (At 2. 27). Um fator importante a ser considerado na expansão ou crescimento, dessa Igreja é que ela apresentava um Crescimento Integral, ou global. Ela crescia em todos os aspectos.

2.2. Visão Panorâmica do crescimento na História da igreja.

Para termos uma visão do crescimento da igreja nos dois milênios passados, se faz necessário distribuir a história da igreja em períodos ou épocas, embora seja artificial e não aceito por muitos, a maioria dos historiadores da igreja reconhece três períodos gerais.

⁸ Idib., p132

⁹ Ibid., p132

Subdividir cada um destes períodos gerais em fases descritivas é muito útil para um melhor entendimento do desenvolvimento da igreja ao longo desses dois milênios, que a levou a crescer mesmo em meio às adversidades.

I. Cristianismo Patrístico - 95 d.C. a 590 d.C.

a. A Idade das Apologéticas – este período data desde 95 d.C., geralmente considerado como o ano quando o último livro do cânon do Novo Testamento (Apocalipse) foi escrito, até 325 d.C., e o Concílio de Nicéia. Alguns preferem 312 d.C., o ano em que Constantino se converteu ao Cristianismo. O Edito de Milão, em 313 d.C., pôs fim efetivamente à perseguição da igreja como um movimento minoritário e concedeu-lhe um status legal pleno, para ser igualmente tolerada com todas as outras religiões. Durante este período, a igreja se esforçou para se defender contra as ameaças do paganismo, tanto politicamente como teologicamente. Conforme Cairns,

“No segundo e terceiro séculos, a Igreja exprimiu sua auto-consciência nascente numa forma literária nova - as obras dos Apologistas e dos Polemistas. Justino Mártir foi o maior do primeiro grupo; Irineu, o grande nome do segundo. Estes homens enfrentaram um governo hostil a quem procuraram convencer com os argumentos de suas produções literárias. Os Apologistas procuraram convencer os líderes do estado de que os cristãos nada tinham feito para merecer a perseguição que lhes era impingida;”¹⁰

Como os cristãos não adoravam os deuses pagãos sofriam perseguição. Falsas notícias chegavam ao imperador acusando-os de prática não aceitáveis, o que era considerado um crime contra a humanidade. Cechinato, informa que:

“Diante disso, surgiram os apologetas ou apologistas cristãos. Estes defendiam o cristianismo, procurando desfazer as mentiras e mostrar o lado positivo das comunidades da Igreja: o amor, a fé, a justiça, a verdade, a honestidade, o respeito para com os outros, inclusive pelo imperador e autoridades legítimas. Mostravam que a fé em Jesus Cristo era vivida no amor e não no ódio.”¹¹

Os apologetas mais influentes foram: Justino e Tertuliano. Cechinato, diz que; São

¹⁰ CAIRNS, Earle E, **O Cristianismo Através dos Séculos**. 2. ed. São Paulo: Vida Nova. 1995. p85

¹¹ CECHINATO, Luiz. **Os vinte séculos de cainhada da igreja**. Petrópolis-RJ: Vozes, 1996. p51

Justino é chamado o “Rei dos apologistas”¹² em sua primeira apologia a Marco Aurélio, defende a igreja e afirma a divindade de Cristo. Quanto a Tertuliano, Cechinato registra que “era jurista famoso e grande orador de Cartago. Defensor dos Cristãos.”¹³

- b. A Idade das Polêmicas – de 325 d.C. até o aparecimento de Gregório (o último dos Pais da Igreja e o primeiro dos verdadeiros Papas), em 590 d.C. Seguindo a conversão de Constantino, a igreja “se moveu rapidamente da solidão das catacumbas ao prestígio dos palácios”¹⁴. Com o poder do Estado ao seu favor, a igreja começou a exercer sua influência moral sobre a sociedade como um todo. Com prestígio e influência política, contudo, veio também a corrupção interna. O Monasticismo emergiu em protesto desta secularização da fé. Em 392, o imperador Teodósio I estabeleceu o Cristianismo como a única religião legal do Império Romano. Foi durante este período também que as maiores controvérsias doutrinárias foram resolvidas em concílios teológicos sancionados pelo Estado. Cairns, diz ainda:

“Os Polemistas, como Irineu, procuraram enfrentar o desafio dos movimentos heréticos, Ao passo que os Pais Apostólicos escreveram apenas por e para os cristãos, estes escritores escreveram por e para o estado romano ou para os heréticos num esforço para convencê-los da verdade da Bíblia através de argumento literário. Os apologistas usavam a forma do diálogo literário pagão e a formal legal da apologia.”¹⁵

II. Cristianismo Medieval – 590 d.C. a 1517 d.C.

- a. A Idade da Hierarquia Papal - desde Gregório o Grande até a divisão entre Oriente e Ocidente, ou até Gregório VII. A principal característica desta época, frequentemente referida talvez sem justificação como Idade das Trevas, foi o estabelecimento e solidificação do poder da hierarquia papal Católica Romana. Cairns, afirma:

“A consagração de Gregório I como o bispo de Roma constitui um marco que divide o período antigo da história da Igreja do período medieval. Poder-se-ia lembrar, porém, que a periodização em história é um mecanismo artificial para organizar a ordem divina da história em segmentos manuseáveis. Alguns colocam o começo da história da igreja medieval em 313 com a garantia de liberdade religiosa. Outros o

¹² Ibid., p51

¹³ Ibid., p52

¹⁴ SHELLEY, Bruce L. **História do Cristianismo ao Alcance de Todos**. RJ: Editora Shedd, 1993. p18

¹⁵ Ibid., p85

põem no Concílio de Nicéia em 325. Outros preterem 378 devido à batalha de Adrianópolis que resultou na migração dos visigodos para o Império. Há ainda quem vê o período antigo da história da Igreja terminar com a queda do último imperador romano em 476, nesta obra, 590 é escolhido porque Gregório I inaugurou neste ano uma nova era de poder para a Igreja no Ocidente. O fim da Idade Média da história da Igreja é algo que também se debate. Alguns o colocam em 1095 com o início da era das Cruzadas; outros, em 1453, com a queda de Constantinopla, e ainda outros, em 1648, com a paz de Westfália. O autor escolheu 1517 porque as atividades de Lutero neste ano inauguraram uma era completamente diferente, em que a ênfase não era mais a Igreja como Instituição, mas a Igreja constituída como um corpo de crentes individuais por uma fé pessoal na obra retentiva de Cristo.”¹⁶

Além das coisas desagradáveis que aconteceram neste período, outro fator importante para a história que ocorreu na idade média foi o avanço do cristianismo, embora em meio a muita turbulência e muita luta.

b. A Idade do Escolasticismo - de 1054/1073. até o começo da Reforma Protestante em 1517. Durante este período, a doutrina cristã foi totalmente sistematizada através da filosofia e teologia dos sacerdotes, tais como Anselmo, Peter Abelard, Hugo de São Vítor, Peter Lombard, Alberto o Grande, Duns Scotus, alcançando seu auge na obra monumental de São Tomás de Aquino, cuja teologia chamada Tomismo foi declarada eternamente válida para o Catolicismo em 1879. Sobre o movimento conhecido como escolasticismo Walker diz:

“O desenvolvimento do escolasticismo foi iniciado e acompanhado, pela discussão da natureza dos "universais" - isto é, com referência à existência de gêneros e espécies - debate provocado pela *Isagoge* de Porfírio. Três posições poderiam ser tomadas. Os "realistas" extremados, sofrendo a influência platônica (p. 19), afirmavam que existiam antes e à parte dos objetos individuais - *ante rem*, i. e., o gênero humano era anterior ao indivíduo homem, e o determinavam. Os "realistas" moderados, levados por Aristóteles (p.19) ensinavam que os universais existiam somente em conexão com os objetos individuais - *in re*. Os "nominalistas", seguindo precedentes estoicos, sustentavam que os universais eram apenas nomes abstratos para a semelhança dos indivíduos e que não existiam fora do pensamento - *post rem*. A única existência real para eles era a do objeto individual. Esta luta entre "realismo" e "nominalismo" atravessou o período escolástico e profundamente influenciou suas conclusões teológicas.”¹⁷

¹⁶ CAIRNS, Earle E, **O Cristianismo Através dos Séculos**. 2. ed. São Paulo: Vida Nova. 1995. p132

¹⁷ WALKER, W. **História da Igreja Cristã**. vol I, Aste. São Paulo SP: 1967. p334

III. Cristianismo Moderno - 1517 d.C. até o presente.

a. A Idade da Reforma Protestante e do Confessionalismo Polêmico – “do momento da postagem de Martinho Lutero das 95 teses em (1517)”¹⁸ até a Paz de Westphalia. Este período testemunhou o triunfo da Reforma Protestante na Europa, com o florescimento das quatro maiores tradições do Protestantismo antigo: “Luterana,”¹⁹ “Reformada,”²⁰ “Anabatista”²¹ e “Anglicana,”²² bem como a reação de Roma na Contra-Reforma Católica e a influência dos Jesuítas. O século XVII foi caracterizado pelo desenvolvimento do “escolasticismo”²³ e da “ortodoxia credal.”²⁴ Movimentos reacionários e reavivalistas emergiram nos últimos estágios deste período, parcialmente em oposição à aparente estagnação que se estabeleceu no meio de muito do Protestantismo.

b. A Idade do Racionalismo e do Reavivamento – de 1650 à Revolução Francesa. Também conhecida como a Idade da Razão, visto que a ciência substituiu a crença no sobrenatural, à medida que a igreja ficou debaixo da influência poderosa do Iluminismo no qual a razão era estimada acima da revelação. Os grandes movimentos de reavivamento na Inglaterra (os irmãos Wesleys e na América, Edwards e Whitefield, foram a melhor defesa da igreja contra a invasão do humanismo. Elwell, destaca:

“Os movimentos modernos de reavivamento têm suas raízes históricas nas reações dos puritanos ao Racionalismo do iluminismo e à fé da Reforma expressa em credos formalizados que caracterizavam boa parte do protestantismo do século XVII. Luteranos tais como Johann Arndt, Philipp Spener e August Francke resistiam a essa despersonalização da religião. Descobriram um elemento mais experiencial na fé da reforma que enfatizava a dedicação pessoal a Cristo e a obediência a Ele, e uma vida regenerada pelo Espírito Santo que habita na pessoa.”²⁵

¹⁸ Movimento de reforma religiosa de amplo alcance na Europa, concentrada no século XVI. ELWELL, Walter A. **Enciclopédia Histórico Teológica da Igreja Cristã**. Vol III. Ed. Vida Nova. São Paulo. 1990. p248

¹⁹ Esse termo, ou “luteranismo”, é empregado para referir-se à doutrina e as práticas nas Igrejas Luteranas, e como um termo geral para essas igrejas em todo mundo. Idem, p553

²⁰ A primeira linha de desenvolvimento na tradição reformada, no noroeste da Europa: a Suíça, a França, a Holanda, e a Alemanha têm em comum, que também teve influência desde o leste da Hungria ao sul da Itália, na igreja dos valdenses. Idem, p563

²¹ Os anabatistas foram os pioneiros que contribuíram para a liberdade religiosa. Registros históricos datam sua existência a partir do século XI. – Idem, p379

²² O anglicanismo nasceu de um movimento de idéias, não do estadismo religioso de Henrique VIII, cujos episódios do cotidiano conjugal incitaram um sério desentendimento com o papado. Idem, p30

²³ Uma forma de filosofia e teologia cristã desenvolvida por estudiosos que vieram a ser chamados escolásticos. Floresce durante o período medieval da história européia. Idem, p41

²⁴ Um dos três credos ecumênicos amplamente usados pela cristandade ocidental como profissão da fé ortodoxa. Ibid., p363.

²⁵ ELWELL, Walter A. **Enciclopédia Histórico Teológica da Igreja Cristã**. vol III Editora Vida Nova. São Paulo: 1990. p236

Portanto, o testemunho do cristão e da igreja é uma responsabilidade que se torna uma força de renovação e expansão da igreja. Elwell, afirma:

“O apelo a favor de uma aceitação pessoal e pública do evangelho, que veio a caracterizar o reavivamentismo, brotou quase simultaneamente tanto na Inglaterra quanto na América do Norte no século XVIII. Os sinais iniciais do Primeiro Grande Despertamento nas colônias norte-americanas ocorreram na congregação do pastor da Igreja Reformada Holandesa, J. Frelinghuysen no norte de Nova Jérsey em 1725, uma década antes de João Wesley e George Whitefield começarem suas pregações ao ar livre na Inglaterra. Frelinghuysen tinha sido influenciado pelo pietismo antes de chegar na América do Norte. Em 1726, William Tennent, o líder presbiteriano do Grande Despertamento, começou sua "escola rústica" ("log college") para preparar ministros que pregassem um calvinismo personalizado que chamasse homens e mulheres ao arrependimento.”²⁶

c. A Idade do Progresso – de 1789 até a Primeira Guerra Mundial. Os primeiros anos deste período foram caracterizados pela reviravolta política: as Revoluções Americana e Francesa e pela transformação social, a Revolução Industrial. A emergência da alta crítica Alemã e a publicação da Origem das Espécies de Darwin ativaram uma filosofia que ameaçava minar os fundamentos da ortodoxia. Foi durante os últimos estágios deste período que vemos o emergir do que é conhecido como um liberalismo teológico moderno.

“A Revolução Industrial teve início no século XVIII, na Inglaterra com a mecanização dos sistemas de produção. Enquanto na Idade Média o artesanato era a forma de produzir mais utilizada, na Idade Moderna tudo mudou. A burguesia industrial, ávida por maiores lucros, menores custos e produção acelerada, buscou alternativas para melhorar a produção de mercadorias. Também podemos apontar o crescimento populacional, que trouxe maior demanda de produtos e mercadorias.”²⁷

d. A Idade das Ideologias – de 1914 Primeira Guerra Mundial até os dias de hoje.

A concepção ideológica da Idade Média associava-se diretamente aos postulados teológicos que surgiram. Conforme Walker:

“Durante este período a busca de novos deuses se levantou para competir pela fidelidade da mente secular. Comunismo, Nazismo, Facismo, Liberalismo Teológico

²⁶ Ibid., p236

²⁷ ELWELL, Walter. Op. Cit., p238

que foi desafiado pela reação da neo-ortodoxia Bartiniana, socialismo, ecumenismo, individualismo, humanismo estão entre as ideologias mais competitivas. A igreja respondeu a este chamado modernismo com, o Fundamentalismo, e finalmente o mais intelectualmente sofisticado e culturalmente engajado Evangelicalismo. Outros desenvolvimentos dignos de nota foram o Denominacionalismo e o movimento Pentecostal/Carisma-tico.”²⁸

Esse foi um período em que a igreja se viu obrigada a tomar uma posição radical para o estabelecimento da fé em função do surgimento das ideologias.

2.3. Movimento de crescimento de igrejas nos últimos anos

Nos últimos anos a discussão sobre o crescimento de igreja tem sido alvo de muitos debates. O chamado Movimento de Crescimento de Igrejas passa por uma infinidade de métodos ou modelos que se dizem ser a solução para gerir uma igreja. Conforme Luiz Longuini Neto, o debate contemporâneo sobre o crescimento de comunidades cristãs tem uma história de 47 anos. Ele afirma que:

“Em 1955, o ex-missionário na Índia Donald McGavran publicou um livro intitulado *The Bridges of God* (As Pontes de Deus). Desde então, o chamado Movimento de Crescimento da Igreja tem sido alvo de acirradas e apaixonadas polêmicas. As idéias de McGavran foram divulgadas por seu discípulo Peter Wagner, tomaram corpo e tornaram-se mundialmente conhecidas pelo trabalho da Escola de Missões do Seminário Teológico Fuller, de Pasadena, Califórnia, EUA.”²⁹

A idéia central do movimento é o “princípio de unidades homogêneas”³⁰ assim descrito por McGavran: “as pessoas gostam de ser cristãs, sem ter que cruzar barreiras raciais, linguísticas ou socioeconômicas”.³¹ No contexto latino-americano, teólogos e missiólogos como “Orlando Costas, René Padilla e Samuel Escobar, entre outros, têm criticado severamente o Movimento de Crescimento da Igreja da Escola de Fuller.”³²

²⁸ WALKER, W. 1967. Op. Cit., p339

²⁹ LUIZ, Longuini Neto. é professor do Seminário Teológico Batista do Sul e do Instituto Metodista Bennett, no Rio de Janeiro. É doutor em teologia pela Universidade de Hamburgo, Alemanha, e autor de **O Novo Rosto da Missão**. (Editora Ultimato). s/d.

³⁰ MIRANDA, Juan Carlos, **Manual do Crescimento da Igreja**, São Paulo: Vida Nova, 1991

³¹ MCGAVRAN, Donald. **Compreendendo o Crescimento da Igreja**. São Paulo: Ed. Sepal 2001. p23

³² PADILLA, René. **Missão Integral**. São Paulo: Temática e FTL, 1992. pp3-5

Os desmembramentos mais recentes das teorias de crescimento da igreja têm raízes no avivamento coreano. É daí que herdamos a idéia de grupos familiares ou igreja em células. Porém, nos dias atuais, existem vários desdobramentos, como igreja em células de vários modelos. Ainda no conjunto teórico do crescimento das igrejas encontramos Rede Ministerial, G-12, grupos familiares, grupos de comunhão, grupos de discipulado, igreja celular, igreja com propósitos, e assim por diante.

Recentemente cresceram as chamadas igrejas neopentecostais com foco nas classes média e alta, com um discurso mais liberado quanto aos costumes e menos ênfase nas manifestações pentecostais.

Tomamos como certo que é da natureza das igrejas cristãs o fator crescimento, pois assim lemos nas Escrituras Sagradas. Também é certo que os modelos tradicionais, centralizadores, “templocêntricos” e “pastorcêntricos” já não funcionam mais a contento. Se faz necessário uma profunda reflexão sobre o assunto.

As Escrituras nos ensinam a trabalhar com pequenos grupos e reuniões familiares, este argumento é irrefutável. Contudo, algumas questões importantes precisam ser respondidas: que tipo de crescimento queremos para as nossas igrejas? O crescimento quantitativo apenas é suficiente? O crescimento visa à glória de quem? De Deus ou do líder?

O crescimento quantitativo que temos experimentado vem sendo acompanhado de compromisso de transformação na vida da igreja e da nossa sociedade? Existem trabalhos sociais nessas comunidades? As pessoas são realmente transformadas em seu caráter e em sua ética?

Ao tratar do assunto, Schwarz lista em sua obra, como uma das marcas de qualidade que é uma ferramenta para o crescimento da igreja. Ele afirma que “... um dos princípios que deve ser considerado importante, é sem dúvida, a multiplicação dos pequenos grupos.”³³ Entendemos que, quando encararmos essas questões com seriedade estaremos dando um passo em direção a um crescimento sadio e saudável. Estaremos crescendo em tudo e não somente inchando. Precisamos fazer diferença e construir igrejas e sociedades diferentes, transformadas pelo poder do evangelho.

³³ Ibid., p32

3. COMPREENSÃO DO PENSAMENTO DE CHRISTIAN A. SCHWARZ

3.1. Crescimento de igreja conforme Schwarz

Segundo o autor, sua obra é o resultado de um longo trabalho de pesquisa conforme segue:

Christian A. Schwarz, diretor do Instituto para o Desenvolvimento da Igreja, liderou uma pesquisa sobre crescimento de igrejas durante dez anos em mais de 1.000 igrejas em 32 países, nos 5 continentes. O resultado é *O desenvolvimento natural da igreja*, já traduzido e publicado em 40 línguas, estando à disposição em 50 países. A edição brasileira inclui um prólogo de Russell Shedd, que diz: O autor desmente alguns mitos e preconceitos enraizados com fatos colhidos de quatro milhões de respostas cientificamente analisadas por computadores para oferecer conclusões sólidas e seguras”.³⁴

Schwarz, diz que o livro com diagramação e apresentação excelentes, é “um guia prático para cristãos e igrejas que se decepcionaram com receitas mirabolantes de crescimento”.³⁵

Explica ainda que a denominação “Desenvolvimento natural da Igreja” leva em conta as figuras que Jesus e os autores do Novo Testamento usaram para explicar as leis que regem o reino de Deus: “lírios do campo”, “quatro tipos de solo”, “semeadura e colheita”, “a árvore e seus frutos” e outras. Ele chama a atenção principalmente para as palavras de Jesus registradas em Mateus 6.28: “Considerai como crescem os lírios do campo...” Considerar, no original grego, tem o sentido de examinar cuidadosamente, pesquisar com toda dedicação, e aprender. Mas aprender o que? Os mecanismos de crescimento da natureza. Assim também na igreja. “Nossa tarefa não é produzir crescimento de igreja, mas liberar o potencial natural que Deus já colocou na igreja.”³⁶

O livro apresenta cinco partes, que falam do que fazer, quando fazer, como fazer e por que fazer. Falando do que fazer, Schwarz lista oito marcas de qualidade que, se desenvolvidas, liberam o potencial de crescimento da igreja. Tais marcas são enfaticamente

³⁴ SCHWARZ, Chistian. A, **O Desenvolvimento Natural da Igreja**. Curitiba: Ed. Evangélica Esperança. 1996, p3

³⁵ Ibid., p2

³⁶ Ibid., p10

colocadas como princípios e não como modelos. Diferentemente dos modelos, os princípios funcionam em qualquer lugar do mundo.

“Aprender de igrejas que crescem não significa adotar os modelos com que os líderes dessas igrejas tentam explicar o seu crescimento.”³⁷ Schwarz apresenta uma forma diferenciada de apreciar o crescimento da igreja, desmistificando o mesmo. Ele sugere uma diferença entre “modelos” e “princípios”, onde o primeiro significa um conjunto de conceitos com os quais qualquer igreja em qualquer lugar possa obter resultados significativos e, basicamente, se apresenta na forma de um transplante de um programa de uma igreja que teve sucesso, normalmente uma igreja grande, para a realidade da igreja local. Enquanto que, o princípio está ligado a tudo aquilo que vale para todas as igrejas da terra e se apresenta através de uma dedução, ou seja, uma avaliação de várias igrejas (grandes e pequenas) a fim de descobrir quais dos elementos dessas igrejas são de alguma forma interessantes e tem valor universal (que sejam válidos para todas as igrejas). Porém, como é possível identificar princípios universais que possibilitem o crescimento da igreja?

Para responder ao questionamento acima, Schwarz se propôs desenvolver uma pesquisa de cunho científico a fim de descobrir esses princípios universais. Para tanto, a pesquisa tentou ser o mais abrangente possível. Para se chegar a conclusões cientificamente significativas era necessário um universo de no mínimo mil igrejas, dentre elas, “igrejas grandes e pequenas, igrejas que crescem e que não crescem perseguidas pelo estado ou subvencionadas pelo estado, carismáticas ou não-carismáticas, igrejas modelo bem conhecidas ou igrejas totalmente desconhecidas.”³⁸ Para o autor este foi o estudo mais abrangente já realizado, no que se refere a temática, crescimento de igreja. Para Schwarz, essa pesquisa oportunizou a descoberta de quais princípios de sucesso são realmente princípios verdadeiros (universais) e quais são apenas mitos.

Com base nessa pesquisa, passamos a descrever as marcas de qualidade consideradas pelo autor, de suma importância para o crescimento da igreja, se corretamente aplicadas para gerir igrejas.

I - Liderança Capacitadora

³⁷ SCHWARZ Christian A. – **O Desenvolvimento Natural da Igreja**. Curitiba: Editora Evangélica Esperança, 2003. Schwarz, p16

³⁸ Ibid., p18

“Os resultados da pesquisa questionam o fato de que a maior parte da literatura do crescimento da igreja ilustra princípios de liderança com base em mega-igrejas.”³⁹ O autor ressalta o tom predominante apresentado através das literaturas de crescimento de igreja, do estilo de liderança, de pastores de igrejas que crescem, que para ele, é um estilo tendencioso para as coisas e não para as pessoas. A liderança desses pastores está focada no cumprimento de objetivos e não nos relacionamento, ou seja, liderança baseada em autoritarismo ao invés de parceria.

Obviamente que alcançar metas e objetivos é uma qualidade imprescindível para o líder, contudo, é importante observar que esse não é o aspecto fundamental que diferencia pastores de igrejas que crescem, das igrejas que não crescem. Segundo Schwarz,

“Por mais que pastores de igrejas que crescem não sejam mestres em relacionamentos, que cheguem até a se perder em detalhes nos relacionamentos com pessoas, o fato é que, na média, o seu estilo de liderança é pelo menos um pouco mais orientado para relacionamentos, um pouco mais preocupado com pessoas, um pouco mais direcionado para o trabalho em parceria do que o estilo de seus colegas de igrejas que estão decrescendo.”⁴⁰

Surge então a pergunta: Onde está a diferença? O autor sugere que a diferença está na capacitação. Os líderes das igrejas que crescem direcionam suas forças em capacitar outras pessoas para o desenvolvimento do ministério. Eles capacitam, apóiam, motivam, acompanham aos membros individualmente com o objetivo de torná-los aquilo que Deus tem em mente.

Observando diretamente esse processo percebe-se que essas pessoas são estimuladas, capacitadas e orientadas tanto para o cumprimento dos objetivos quanto para os relacionamentos. Líderes com esse perfil investem no discipulado, delegação e multiplicação, promovendo assim, a auto-organização.

Schwarz finaliza este tópico observando que os pastores não precisam ser super star para que suas igrejas cresçam, ou mesmo seguir um modelo tecnocrático ou da

³⁹ Ibid., p22

⁴⁰ Ibid., p22

espiritualização, basta apenas investir na vida das pessoas e nos relacionamentos e os resultados virão.

II - Ministérios Orientados Pelos Dons

“À medida que os cristãos vivem de acordo com os seus dons espirituais, eles não trabalham pelas próprias forças, mas o Espírito de Deus trabalha neles.”⁴¹

O desenvolvimento e utilização dos dons no processo de crescimento da igreja são imprescindíveis. Para Schwarz esta marca: “Ministérios orientados pelos dons” possibilitam a compreensão do que se denomina: processos automáticos de crescimento. Para ele, a partir do momento em que cada crente vive de acordo com seus dons espirituais eles não trabalham mais pelas próprias forças, mas pelo Espírito de Deus. Segundo o autor, essa marca em especial, tem grande influência na vida pessoal do membro e na igreja se tornando um aspecto fundamental na vida do mesmo. A descoberta e o uso dos dons espirituais estão diretamente ligadas ao cumprimento do sacerdócio universal do crente, segundo os reformadores.

Por outro lado, Schwarz argumenta que as barreiras contra os ministérios orientados pelos dons estão de alguma forma relacionados a paradigmas teológicos não corretos: O modelo tecnocrático. Já para aqueles que tendem para a espiritualização, freqüentemente, se negam a enquadrar seus dons em tarefas bem específicas da igreja. Schwarz conclui dizendo que o enquadramento dos dons no desenvolvimento da igreja já é dificultado pelo método que foi adotado para produzir crescimento.

III - Espiritualidade contagiante

O autor comenta que sua pesquisa comprovou que a espiritualidade dos cristãos não depende do estilo e muito menos de determinadas práticas espirituais, o que para muitos grupos é sinônimo de crescimento. “Em igrejas nas quais se percebe bem “tendências legalistas” a paixão espiritual está abaixo da média”.⁴² O que diferencia igrejas que crescem das que não crescem, é que os cristãos vivem sua fé com paixão.

⁴¹ Ibid., p24

⁴² Ibid., p26

Quando Schwarz fala de espiritualidade contagiante se refere a duas coisas importantes: “vida de oração e entusiasmo.” Para ele, a espiritualidade dos cristãos não depende de um estilo de vida piedosa, ser carismáticos ou não. O que realmente fortalece a qualidade da igreja é o fator oração, leitura da bíblia e outros fatores determinantes para a espiritualidade das pessoas. Outro aspecto que fica bem claro é que o fato de “ter a doutrina correta por si só não garante o crescimento da igreja, ... por mais ortodoxa que seja a doutrina de uma igreja e por melhor que seja o seu conhecimento bíblico, ela dificilmente pode esperar crescimento, se não aprender a viver e a transmitir a outros a sua fé com entusiasmo contagiante.”⁴³ A paixão contagiante e entusiástica é que libera a força geradora do crescimento da igreja.

IV - Estruturas Funcionais

“Se Deus sopra o seu Espírito em um monte de terra amorfo, aí nasce forma nasce vida.”⁴⁴ Segundo Schwarz, essa marca demonstrou ser uma marca controvertida, devido aos paradigmas incorretos, que marcam a maioria dos cristãos que apresentam consequências negativas. Por um lado, aqueles que tendem para a espiritualização levantam suspeitas quanto à veracidade espiritual das estruturas. Por outro lado os tecnocratas identificam algumas estruturas como a essência da igreja de Jesus Cristo. Schwarz acrescenta que os tradicionalistas que estão entre eles não apresentam dificuldade com o substantivo “estruturas”, mas sim com o adjetivo funcionais. Para eles, por trás disso existe um critério não-teológico, pragmático, não espiritual. Segundo dados da pesquisa, Schwarz constatou que o tradicionalismo presente no cristianismo tem forte influência negativa sobre o crescimento e a qualidade de uma igreja.

É interessante observar com base na pesquisa, que o princípio da liderança por ministério é um dos fundamentos nos quais está baseada a marca de qualidade “estruturas funcionais”. “Líderes não existem somente para liderar, mas para formar novos líderes.”⁴⁵ Para Schwarz, “na natureza criada por Deus, a matéria com vida e a sem vida se consistem exatamente das mesmas substancias; mas é a estrutura que faz a diferença.”⁴⁶ Com base nessa

⁴³ Ibid., p27

⁴⁴ Ibid., p28

⁴⁵ Ibid., p28

⁴⁶ Ibid., p29

informação podemos ver esse elo tão forte existente entre estruturas e vida, expressos na criação. Ele afirma:

“o ato da criação é um ato de formação, ou seja, de criar a forma. O oposto da forma e a terra sem forma, é a massa amorfa, o amontoado de terra. Quando Deus sopra seu Espírito nesse amontoado de terra, surge a forma, surge a vida. Um ato criativo semelhante ocorre sempre nas igrejas em que Deus sopra seu Espírito; ele concede forma para essas igrejas.”⁴⁷

V - Culto Inspirador

“Provavelmente não existe outro campo em que a diferença tão importante entre “modelos” e “princípios” é tão mal usada como na questão do culto”.⁴⁸ Nesta marca Schwarz questiona qual é o elemento que proporciona diferença nos cultos das igrejas que crescem dos cultos de igrejas que não crescem? Quais aspectos cada igreja deveria considerar quando se trata de organização de culto? Segundo o autor, a sua pesquisa apresentou que a participação deve ser uma “experiência inspiradora”. O autor esclarece o sentido que a palavra inspiradora deve ser entendida no sentido literal de “inspiratio” que significa a inspiração que vem do Espírito de Deus. Quando o Espírito Santo age, produz evidentemente consequências sobre a organização do culto e sobre a atmosfera perceptível aos presentes.

Em contraponto o autor destaca a visão que muitos cristãos têm do culto. Muitos o entendem como o cumprimento de um dever cristão, portanto, as pessoas vão ao culto não porque esperam ter uma experiência agradável e inspiradora, mas apenas para “fazer um favor ao pastor e a Deus.”⁴⁹ Muitas vezes acrescenta-se a suposição de que Deus abençoará o crente que é fiel aos cultos e suporta uma experiência desagradável. Contudo, em cultos celebrados de forma inspiradora, pode-se observar que eles “por si mesmos” atraem as pessoas não havendo necessidade de pressão ou persuasão como forma de motivar os cristãos quanto a participação no culto. Schwarz finaliza este ponto destacando a influência negativa sobre a forma de culto no modelo da espiritualização. “Salas arrumadas, ministério de recepção atuante, culto moderado, sequências lógicas e didáticas no culto, são tidos como sem

⁴⁷ Ibid., p29

⁴⁸ Ibid., 30

⁴⁹ Ibid., p31

importância ou suspeitas de realmente pertencerem aos aspectos exteriores da fé cristã.”⁵⁰ Para ele essas coisas contribuem, mas, não necessariamente são inspiradoras. O que deve motivar a ida do crente à igreja deve ser a experiência de relacionamento e comunhão com o criador.

VI - Grupos Familiares

“Se um dos princípios estudados deve ser considerado o mais importante, então é, sem dúvida, a multiplicação dos pequenos grupos.”⁵¹ Além de destacá-lo como princípio, Schwarz orienta como deve ser a vida nos pequenos grupos, a fim de que os mesmos influenciem de forma positiva a qualidade e o crescimento numérico da igreja. O grupo familiar para cumprir seu objetivo deve ser um grupo completo em si mesmo, ou seja, o grupo investe no estudo das verdades bíblicas de forma a relacionar as mesmas a vida diária dos cristãos.

No grupo familiar cada cristão aprende a servir os outros através de seus dons. “A multiplicação planejada desses pequenos grupos é facilitada pelo fato dos mesmos produzirem constantemente novos líderes.”⁵² Há transferência de vida em vez de estudos de conceitos abstratos distantes da realidade diária de cada cristão.

Schwarz comenta que na sua pesquisa se confirmou que o tamanho da igreja é diretamente proporcional ao tamanho da importância do princípio dos grupos familiares com vistas ao crescimento da igreja. Ainda com base na sua pesquisa, Schwarz diz que se há um princípio, dentre os quais foram estudados, considerando que o “mais importante” deve ser multiplicação dos pequenos grupos. “Os grupos familiares são sustentadores do desenvolvimento da igreja.”⁵³

VII - Evangelização orientada para as necessidades

“É fundamental fazer diferença entre cristãos que receberam de Deus o dom do evangelismo e cristãos a quem Deus deu outros dons.”⁵⁴

⁵⁰ Ibid., p31

⁵¹ Ibid., p32

⁵² Ibid., p32

⁵³ Ibid., p33

⁵⁴ Ibid., p34

Schwarz comenta que uma das áreas da igreja que está presa a muitos dogmas e mitos é a área da evangelização. Segundo ele, é quase impossível diferenciar entre formas, métodos de evangelização e princípios de evangelização que valem para todas as igrejas de forma incondicional. Então, sempre que um método bem sucedido é transformado num “princípio de crescimento de igreja” há crescimento natural e saudável.

Para Schwarz, sua pesquisa derrubou uma tese considerada errada, de que cada cristão é um evangelista. Pois, para ele, o cerne desse lema é “que a tarefa de cada cristão é investir nos seus dons específicos para o cumprimento da grande comissão.”⁵⁵ Porém, continua Schwarz, isso não faz de cada cristão um “evangelista”, pois, evangelista é aquela pessoa a quem Deus deu o dom espiritual correspondente. Com base em seus estudos, Schwarz afirma que comprova com exatidão a tese de C. Peter Wagner que sugeria que apenas 10% dos cristãos tem o dom de evangelista.

O autor destaca que cada cristão deveria servir aos não-cristãos, “com quem ele tem um bom relacionamento, com o dom que Deus lhe deu e engajar-se para que essa pessoa entre em contato com a igreja e ouça o evangelho,”⁵⁶ portanto, o cerne da questão crescimento de igreja é o direcionamento de suas atividades evangelísticas para os questionamentos e dificuldades dos incrédulos, o que se diferencia das formas manipulativas e opressivas comumente utilizadas.

Schwarz finaliza este ponto ressaltando que “desafiar os cristãos a fazerem novos contatos com não-cristãos não é nenhum princípio de crescimento”.⁵⁷ Ele sugere que a igreja deve aproveitar os contatos já existentes para investir na evangelização.

VIII - Relacionamentos marcados pelo amor fraternal

“Igrejas que crescem tem, em média, um “quociente de amor” mensurável mais elevado que igrejas estagnadas ou em declínio”.⁵⁸ A pesquisa de Schwarz mostrou que existe

⁵⁵ Ibid., p34

⁵⁶ Ibid., p35

⁵⁷ Ibid., p35

⁵⁸ Ibid., p26

uma correspondência muito alta entre a capacidade de amar de uma igreja e seu potencial de crescimento. Para o autor, igrejas que crescem apresentam quociente de amor mensurável mais alto, que as demais igrejas em estado de não crescimento. Para encontrar formas de aumentar esse “quociente de amor” o autor teve que descobrir quanto tempo os membros da igreja investem em outros crentes fora das atividades da igreja, com que frequência eles se reúnem para uma refeição ou café, quanto eles se elogiam mutuamente na igreja, o quanto o pastor conhece as necessidades pessoais dos seus liderados, quanto se ri na igreja, etc.

Segundo Schwarz, o riso na igreja corresponde significativamente com a qualidade de crescimento numérico da igreja, podendo ser considerado como um princípio de crescimento da igreja. O amor de verdade proporciona a igreja um brilho dado por Deus muito maior do que os programas evangelísticos por ela desenvolvidos.

No que tange ao modelo tecnocrático em relação a essa marca de crescimento, há maior dificuldade em transformar em prático o amor cristão, pois, no mesmo a fé é entendida como o cumprimento de certos padrões dogmáticos e morais. Isso acaba originando déficit em relação à capacidade dos cristãos de amar e de se relacionar, tornando essa relação algo superficial.

Sobretudo, no modelo da espiritualização temos um conceito secularizado do amor romântico, onde o amor é um sentimento que nasce e morre de forma misteriosa. Com base nesse modelo é, praticamente, impossível mensurar e examinar empiricamente a capacidade de amar de uma igreja, “esforços planejados para melhorar a capacidade de amar da igreja são proibidos.”⁵⁹

Nenhuma das marcas pode faltar. Segundo Schwarz o ponto crucial de sua pesquisa é a ação conjunta e harmoniosa das oito marcas apresentadas. Cada marca por si só não é capaz de gerar crescimento, mas sim o conjunto bem organizado. Com base nos resultados da sua pesquisa, Schwarz chegou a três conclusões importantes:

- 1) “Igrejas que crescem, via de regra, se diferenciam estatisticamente, de forma significativa, em todos os oito campos, das igrejas que estão em declínio. Igrejas que crescem têm, portanto, uma qualidade superior mensurável.”⁶⁰

⁵⁹ Ibid., p37

⁶⁰ Ibid., p39

- 2) “Há exceções para essa regra, ou seja, existem igrejas que crescem numericamente e que têm um índice de qualidade abaixo da média. O crescimento numérico pode ser alcançado também de outras formas, além do trabalho com os oito fatores de qualidade (por exemplo, Campanhas de marketing, fatores contextuais, etc.)”⁶¹
- 3) “Para uma regra, no entanto, não achamos uma única exceção entre 1.000 igrejas pesquisadas: toda igreja na qual o índice de qualidade em todas as marcas de qualidade está acima de 65% é, sem exceção, um igreja que cresce numericamente. Existe, portanto, um valor qualitativo comprovável estatisticamente, que sempre leva uma igreja ao crescimento. Esse resultado é, possivelmente, a descoberta mais espetacular da nossa pesquisa.”⁶² (conforme anexo 01 fig.01)

Ao falar do que fazer, o autor defende a estratégia do “fator mínimo”, que nada mais é do que uma concentração de esforços na marca de qualidade menos desenvolvida na igreja. “Se uma igreja alcança o índice igual ou superior a 65% em todas as marcas de qualidade, com quase 100% de probabilidade, ela é uma igreja que cresce.”

Nessa parte Schwarz esclarece que é preciso analisar bem cada marca de qualidade para poder desenvolvê-la estrategicamente, isto é, concentrar-se o suficiente em uma área. Schwarz mostra que observando a natureza através da agricultura, o que chama de “fator mínimo”. Ele diz: “A estratégia do fator mínimo é a resposta da natureza ao cronograma ideal para o desenvolvimento de uma igreja.”⁶³

O fator mínimo deve está voltado para a marca de qualidade que menos se desenvolve e que bloqueia o crescimento. No entanto, essa marca tem que ser trabalhada de forma correta. O “fator mínimo” defende que os esforços devem ser concentrados na marca já existente na igreja a qual desenvolverá naturalmente. Sua estratégia é ajudar simplesmente a ordenar as prioridades dentro do cronograma de desenvolvimento da igreja. (Conforme ilustrado no anexo 01, figura 02. e anexo 02, figuras 03.

⁶¹ Ibid., p39

⁶² Ibid., p39

⁶³ Ibid., p50

Quando fala do como fazer, Schwarz defende a estratégia dos princípios da natureza. Esses são facilmente identificáveis e aplicáveis à realidade espiritual da igreja. Conforme Schwarz:

“A chave para cada uma das oito marcas de qualidade é a liberação do potencial natural que Deus já colocou na sua igreja. Para que isso não seja apenas uma bela teoria, é necessário perguntar como isso é possível. O que nós podemos fazer para que os processos automáticos de crescimento com que Deus dotou a sua igreja tenham mais liberdade de ação do que tiveram até agora? Se seguirmos o conselho bíblico de aprendermos com a natureza, para entendermos melhor as leis do Reino de Deus, iremos encontrar uma série de princípios válidos para todos os organismos vivos - também para o organismo igreja”⁶⁴

Para o autor o crescimento da igreja segue o desenvolvimento de leis natural, isto é, segue as leis dos seres vivos, aqui está firmado o seu modelo de crescimento. Conforme Schwarz afirma. “A forma da natureza: o modelo é um organismo vivo. As partes não estão prontas na sua forma definitiva no início do processo. Pelo contrário tudo inicia como uma célula que começa a se dividir, no início rapidamente depois vai tomando forma.”⁶⁵ Através do desenvolvimento natural da vida o autor explica o crescimento natural da igreja.

Na quarta parte do livro, o autor fala do por que fazer. Nela, Schwarz diz que o desenvolvimento natural não é mais um modelo para crescimento da igreja, mas uma nova forma de viver a vida cristã. Nessa seção ele fala dos problemas envolvidos nos dois paradigmas mais utilizados no processo de crescimento da igreja: o tecnocrático, que supervaloriza as instituições, programas e métodos, e o espiritualizante, que os despreza espiritualizando tudo. Conforme Schwarz:

“Desenvolvimento natural não é apenas mais um método de crescimento de igreja, mas um método totalmente novo; é uma nova forma de pensar, diferente da usual no cristianismo de hoje. Até aqui temos deparado repetidas vezes com os rastros do que denominamos de paradigma tecnocrático e de paradigma da espiritualização. O que está por trás desses paradigmas? A compreensão das diferentes formas de pensar que marcam o cristianismo, nos ajudarão a entender as barreiras que irão aparecer contra a aplicação prática desse novo procedimento.”⁶⁶

⁶⁴ Ibid., p61

⁶⁵ Ibid., p63

⁶⁶ SCHWARZ Christian A. **O Desenvolvimento Natural da Igreja**. Curitiba: Editora Evangélica Esperança, 2003. p83

A partir da integração destes dois pólos todos os outros passos acontecem. Uma marca encontrada na criação de Deus é a bipolaridade. Partindo desse princípio Schwarz utiliza as funções do cérebro para ilustrar como os pólos se integram. As duas metades do cérebro estão relacionadas a áreas diferentes: a metade esquerda controla o lado direito do corpo, em geral é a metade pensante, lógica, racional e verbal. A metade direita, que controla o lado esquerdo, ao contrário, é a metade artística, reconhece e produz imagens, armazena melodias, tem tons poéticos. É o lado intuitivo, criativo.

Christian diz que a mesma bipolaridade ilustrada no (ilustração conforme figura 04), é reconhecível em todas as áreas da criação; por exemplo:

“a eletricidade, o magnetismo ou o relacionamento dos sexos opostos. A relação entre os pólos libera um fluxo de energia que tem influência direta sobre o que chamamos de “princípio da auto-organização.” Exemplo: o relacionamento entre os sexos. A reprodução do ser humano não precisa ser organizada artificialmente. Ela acontece por si mesma, pela força de atração entre os dois pólos. É a liberação do potencial natural.”⁶⁷

Para Christian, Quando a Bíblia fala da igreja de Jesus, observa a mesma bipolaridade. O Novo Testamento fala tanto de imagens dinâmicas quanto de imagens estáticas para ilustrar as características da igreja. Quanto a isso ele afirma:

“Protótipo para a caracterização dinâmica são os textos que descrevem a igreja com imagens de cunho orgânico (por exemplo, a igreja como corpo, Rm 12.4-8). Protótipo para a caracterização estática são as afirmações que usam a linguagem técnico-arquitetônica (por exemplo, Paulo como o arquiteto sábio colocou o fundamento sobre o qual outros continuam a construir; 1 Co 3.10). “Pólo estático” aqui não significa a forma doentia, estática de pensar. Refere-se à estabilidade de que toda construção necessita. Em algumas passagens do Novo Testamento as duas formas são colocadas de forma tão intimamente relacionada em uma imagem que até parecem um paradoxo.”⁶⁸

⁶⁷ Ibid., p83

⁶⁸ Ibid., p84

Os dois pólos estão em uma relação dupla. O dinâmico cria organização, e o estático estimula a organização. (ilustração conforme anexo 02, figura 04). O conceito da bipolaridade na igreja é que o pólo dinâmico e o pólo estático estão em correspondência entre si. Conforme Schwarz: “O círculo que relaciona os dois pólos é o símbolo gráfico para a atuação do Espírito Santo. É ao mesmo tempo um símbolo da liberação do potencial natural, que surge da coexistência positiva e criativa dos dois pólos. É o Espírito Santo que dá o crescimento.”⁶⁹ O problema é que na maioria das igrejas o modelo bipolar é substituído pelo modelo unilateral de se vê as coisas. A circulação entre os dois pólos impede que esta ação penda pra direita ou para a esquerda. Ação que o autor chama de: “monismo ou “dualismo” e esclarece:

“Talvez uma ilustração esclareça esse conceito tão abstrato “a primeira vista. Para ouvirmos uma música de um aparelho de som estereofônico - em estéreo - necessitamos de dois pólos, duas caixas, dois auto-falantes. Nas categorias dessa imagem, o que significa, então, a forma mística de pensamento? É como se ouvíssemos só em mono e afirmássemos, ainda, que é a melhor música que já ouvimos. Temos a convicção que de um auto-falante estamos ouvindo a coisa toda. A forma dualista de pensar é como se ouvíssemos somente o alto-falante esquerdo e, ainda, estivéssemos afirmando que a caixa direita é desnecessária ou até prejudicial para o real prazer de ouvir aquela música.”⁷⁰

A grande realidade é que Deus nos deu dois ouvidos e isso nos faz considerar na hora de ouvir a música. Temos aí mais um exemplo da bipolaridade na criação. Essa ilustração do autor deixa claro que as duas posições não são totalmente diferentes uma da outra, pois monismo significa “identificação” e dualismo “separação” dos dois pólos. Quando a igreja age com o pensamento “monista” conseqüentemente o trabalho é tecnocrático. Exemplo: “Implante exatamente esse programa na sua igreja e ela crescerá.”⁷¹ (conforme anexo 3, figura 5). Schwarz alerta que o pensamento dualista por sua vez, leva a igreja a trabalhar de forma espiritualizada considerando que instituições não têm importância espiritual alguma. Segundo o autor “O problema é que a maioria dos cristãos pensa de forma dualística ou monísta; ou pesam de forma espiritualizada ou tecnocrática; subjetiva ou objetiva; mística ou mágica. Para os tecnocratas a igreja se constitui somente do lado institucional. O tecnocrata acredita que o que é representado pelo lado dinâmico se produz automaticamente pela área institucional da igreja. O pólo estático contém todas estas coisas. Schwarz diz que o tecnocrata acredita que pode produzir em diversas ares:

⁶⁹ Ibid., p85

⁷⁰ Ibid., p86

⁷¹ Ibid., p86

“Celebre o culto de acordo com uma liturgia definida e o Espírito Santo vai cair sobre a igreja automaticamente. Ou então: Aceite um conjunto definido de doutrinas e você é automaticamente cristão. Ou ainda se você é consagrado pastor em uma cerimônia de ordenação você está automaticamente capacitado para o ministério. Ou então implante esse programa de crescimento da igreja a sua igreja irá crescer se desenvolver automaticamente.”⁷²

Schwarz afirma que os exemplos acima citados caracterizam as posições definidas como: sacralismo, dogmatismo e clericalismo etc. Essa estratégia está próxima da magia, assim como quem crê numa fórmula mágica. Descobriu o filão. Assim diz o autor:

“A força-motriz psicológica do paradigma tecnocrático é a bem difundida mentalidade da auto-suficiência, tão propagada também no cristianismo. Em vez de depositar a confiança só sobre a pessoa de Jesus, procura-se por programas exteriores. Nesse paradigma as pessoas não se satisfazem com a criação de instituições que sejam úteis para o desenvolvimento do pólo orgânico, mas procuram desenvolver programas que assegurem a saúde da igreja.”⁷³

Para os que defendem o paradigma da espiritualização as instituições são secundárias. Schwarz diz que a espiritualização traz em sua base o dualismo que pode ser observado em vários níveis. Ele diz:

“É o dualismo entre o espírito e matéria, entre organismo e organização, entre ação divina e ação humana, entre o sobrenatural e o natural. Dualismo, nesse caso, significa que o dois pólos não estão em relação mútua, mas se excluem mutuamente. Nesse paradigma semente o pólo dinâmico é espiritual; as instituições são, na melhor hipótese, secundárias, e, em muitos casos, identificadas como o próprio mal.”⁷⁴

Na prática a espiritualização deve ser vista como reação ao paradigma tecnocrático. Caso contrário no modelo de espiritualização ou dualista, encontra-se o defeito de não só ver dificuldades na administração tecnocrática das instituições, mas em não dar valor às instituições em si. O pólo dinâmico deveria estar interagindo com o pólo estático, mas há o risco de evoluir para o lado esquerdo tornando-se dualista ou espiritualizado. O que deveria

⁷² Ibid., p88

⁷³ Ibid., p89

⁷⁴ Ibid., p90

acontecer de acordo com o pólo dinâmico que passaria a se desenvolver unicamente de forma espiritualizada, conforme Schwarz explica:

“Na lógica da espiritualização a ação do Espírito Santo recebe importância especial sempre que Deus não leva em conta planejamento, programas e instituições. Agora, que essa postura significa que Deus teria que quebrar sempre os seus próprios princípios para edificar a sua igreja, não entra na cabeça de uma pessoa que escolheu o dualismo como seu modelo de entender as coisas. Para ela os princípios que estamos falando não são obra de Deus, mas simplesmente obra humana, talvez até satânica. E, com base no modelo da espiritualização isso faz sentido.”⁷⁵

Há uma grande dificuldade para os que optam pelo paradigma tecnocrático ou dinâmico, em compreender a bipolaridade. Em consequência disso caminham pelos pólos que o autor chama de “falsos paradigmas”. Aqueles que decidem pelo Dualismo ou Espiritualização lutam com ímpeto contra o racionalismo, contra a auto-suficiência e a observação do fazer do paradigma tecnocrático. Por outro lado os tecnocratas, reagem impetuosamente contra a irracionalidade e alienação dos que optam pela espiritualização. Estar fixado somente em um dos modelos apresentados pelo autor, obviamente, vai influenciar em questões teológicas. (conforme anexo 3, figura 6).

Em seu livro “Mudança de Paradigma na Igreja” Schwarz diz:

“...essas discussões tiveram origem na luta entre o monismo e o dualismo, entre subjetivismo e o objetivismo, entre heteronomismo e automonismo, entre tecnocracia e espiritualização. Em outras palavras, todos esses conflitos são uma guerra entre duas formas erradas de interpretação do cristianismo. E se não chegarmos a uma mudança de paradigmas, teremos de conviver com esses conflitos até a volta de Jesus.”⁷⁶

O anexo 5, figura 7, demonstra o desdobramento de paradigmas diferentes conforme tese do autor, o quadro apresenta um resumo da pesquisa de alguns desses elementos na história eclesiástica e na história da teologia. Schwarz diz que para desenvolver a teologia bipolar é necessário que o paradigma das pessoas esteja afinado com o modelo.

⁷⁵ Ibid., p91

⁷⁶ Ibid., p94

Ele encerra o livro com a mesma praticidade dos primeiros capítulos, relacionando dez passos para a ação. Porém, para dar apoio ao desenvolvimento das orientações apresentadas nesta obra, o autor escreveu em parceria com Christoph Schalk, “A Prática do Desenvolvimento Natural da Igreja”⁷⁷ que na realidade é uma ampliação dos dez passos encontrado na quinta parte da obra analisada. É extremamente interessante o surgimento de diferentes visões de ministérios que estão aparecendo no Brasil, vindas de outros países como os Estados Unidos, Coréia do Sul e Colômbia. Precisamos sim de grandes igrejas, elas podem trabalhar certos aspectos do ministério, o que, dificilmente, uma pequena igreja faria, ou teria muitas dificuldades em fazê-lo. Elas têm a importância de mostrar que as igrejas podem crescer, especialmente, se for bem analisado como elas surgiram e quanto de trabalho e dedicação exigiram de seus membros, de sua liderança e quanto tempo levaram para chegar aonde se encontram. O grande problema é que as grandes igrejas, com honrosas exceções, estão voltadas para si mesmas e, em muitos casos, consomem todos os recursos que produzem abrilhantando, ou tornando cada vez mais "completos", seus ministérios, respondendo a pergunta que se faz constantemente: “O que nos falta ainda?” Outro grande problema é que estas igrejas são tão poucas que chamam a atenção e dentro de pouco tempo se tornam uma espécie de modelo de igreja a ser imitado por todas as outras que, inadvertidamente, procuram aplicar os mesmos métodos ou estilos, imaginando que assim também se tornarão grandes igrejas. A ordem de Jesus para que o evangelho fosse pregado e igrejas fossem plantadas em toda a Judéia, Samaria e até os confins da terra (Atos 1.8) não estava sendo obedecida. Foi a morte de Estêvão e o medo da perseguição os fatores de dispersão dos crentes e que os obrigou a espalhar, por onde passavam, o evangelho, e aí começaram a surgir as igrejas por toda a parte. O autor mostra nas páginas 46 a 48 que conforme a sua pesquisa, as igrejas pequenas em médias produziam mais do que as grandes para o Reino de Deus. Como resultado de sua pesquisa Schwarz, afirma:

“Quem está em contato constante com a literatura do crescimento da igreja, a todo momento depara com igrejas grandes que, supostamente, são dignas de serem imitadas. Por trás disso está, subentendida, a equação - "igrejas grandes igrejas sadias". Mas, é possível sustentar essa tese? A nossa pesquisa foi pioneira em trazer à luz do dia o fato: via de regra, o contrário é verdade. Quero mostrar a você como, ao longo do nosso projeto, chegamos, passo a passo, a essa conclusão: 1. A primeira surpresa na avaliação dos dados veio quando calculamos os números médios dos participantes dos cultos e dos membros de igrejas que crescem e daquelas em que há

⁷⁷ Orientação prática para O desenvolvimento natural da igreja – Schwarz, A. Christian. **A Prática do Desenvolvimento Natural da Igreja**. Christian A. Schwarz, Christoph Schalk, Curitiba. PR. Ed. Evangélica Esperança. 2009

queda do número de membros. [...] Resultado: igrejas que estão perdendo membros têm, em média, o dobro de membros das igrejas que crescem e a participação nos cultos está, em média, 17% acima das igrejas que crescem. 2. Em seguida, selecionando os dados, testamos o crescimento real tanto de igrejas "grandes" quanto de igrejas "pequenas" nos últimos cinco anos. [...] Resultado: a média está em 13% nas igrejas pequenas e apenas 3% nas igrejas grandes. Também, em relação ao índice de qualidade, ficou demonstrada uma diferença estatística interessante: igrejas grandes estavam dois pontos abaixo "da média" 50; igrejas pequenas dois pontos acima.⁷⁸

Portanto, é preciso que a visão do crescimento da igreja não transforme o seu tamanho numérico no seu objetivo e sim o cumprimento de Atos 1.8, que é a visão de Jesus Cristo. Oferecer as pessoas do mundo inteiro, a oportunidade de salvação. Por isso, precisam saber onde encontrá-lo, conhecê-lo, cultuá-lo e servi-lo, e isso só é possível se não for perdida a visão de plantar igrejas em todo lugar. Mesmo porque, a visão de crescimento da igreja baseada na ênfase exagerada de mega-igrejas pode destruir a compreensão do que é a igreja em si. Como comunidade local, assembléia dos santos, é a agência de Cristo para exaltá-lo e proclamar onde se encontra a salvação eterna resultante do sacrifício de Jesus Cristo no Calvário, e isso não depende do seu tamanho e sim da sua fidelidade, obediência e dedicação ao seu Senhor. A visão de plantação de igrejas precisa andar passo a passo com a visão do crescimento da igreja. De que se precisa equipar, estimular as igrejas pequenas, porque sendo revigoradas ganharão forças para levar o evangelho adiante, salvando pessoas e plantando novas igrejas. Crescimento de igreja deve ser sinônimo de crescimento do evangelho, cumprimento do propósito de Jesus Cristo registrado em Mateus 28.16-20 e de Atos 1.8 e assim: “porque a terra se encherá do conhecimento do Senhor, como as águas cobrem o mar” (Is 11.9b).

3.2. Teologia de Christian A. Schwarz

Na quarta parte do livro, encontramos a fundamentação teológica de Schwarz, que é base para os princípios de qualidade descritos na primeira parte. Aqui ele fundamenta a sua posição teológica com base no que ele chama de “a lei da bipolaridade na criação de Deus,” para explicar que não é diferente quando se trata de igreja. A partir daí ele desenvolveu o seu conceito da bipolaridade na igreja. Em outra obra do autor, “Mudança de Paradigma na Igreja. (2001)”⁷⁹ ele trata com mais profundidade sobre a teologia bipolar, na qual estão firmados os

⁷⁸ SCHWARZ, Christian. A. **O Desenvolvimento Natural da Igreja**. Ed. Evangélica Esperança. 1996, p46

⁷⁹ SCHWARZ. A Christian, **Mudança de Paradigma na Igreja** Ed. Evangélica Esperança. 2001. p288

seus pressupostos sobre um novo paradigma para o crescimento de igreja. Nesta obra é possível entender nitidamente os seus fundamentos teológico. Esta nova série fala unicamente sobre Reforma. O autor está convencido de que não faremos progresso significativo em nossas igrejas sem mudanças tão radicais quanto as que foram feitas na Reforma de Lutero. Um caso à refletir! É tempo de uma terceira Reforma? Na introdução desta nova obra o Schwarz diz:

“Todo movimento de reforma é confrontado com uma força de oposição conhecida como ‘ortodoxia’. Foi assim nos dias da Reforma do século XVI (quando a oposição partiu da ortodoxia católica romana); foi assim também nos dias do avivamento pietista na Europa (que sofreu oposição por parte dos protestantes); o mesmo parece ocorrer com todo movimento que luta em prol de uma reforma na igreja atual”.⁸⁰

Mudança de Paradigma na Igreja apresenta o modelo teológico que é o fundamento das ferramentas práticas e dos conceitos por trás do Desenvolvimento Natural da Igreja. Para Schwarz, o ponto de partida do crescimento natural da igreja é a eclesiologia bipolar. E para explicar seu pensamento o autor diz:

“A consideração das consequências teológicas de uma eclesiologia bipolar - isto é, a distinção e a inter-relação entre a igreja como "organização" e a igreja como "organismo" - é a mais importante contribuição feita por nosso livro Teologia do Desenvolvimento da Igreja - por mais simples que possa parecer. Esta distinção, extraída primariamente das obras de teologia sistemática de Emil Brunner', Hans-Joachim Kraus e Heimut Gollwitzer é, em minha opinião, um importante fundamento para a reflexão teológica sobre desenvolvimento da Igreja.”⁸¹

Conforme o autor a natureza da igreja é composta por dois elementos: um pólo dinâmico (organismo) e um pólo estático (organização). Ambos são necessários para o seu desenvolvimento, e estão implícitos no conceito neo-testamentário de igreja. O pólo dinâmico em geral é encontrado nas declarações do Novo Testamento que descrevem a igreja em termos biológicos e orgânicos e que, portanto, enfatizam o aspecto do crescimento. O principal exemplo é a forma como a igreja é caracterizada como corpo de Cristo, e os cristãos individuais como partes do corpo. O elemento estático é encontrado em declarações que descrevem a igreja em termos de arquitetura e metáforas técnicas, consequentemente

⁸⁰ Ibid., p15

⁸¹ Ibid., p15

ênfatizando o aspecto do edifício. O exemplo mais claro é onde o apóstolo Paulo caracteriza a si próprio como sábio arquiteto que estabelece o alicerce sobre o qual outros edificam. Schwarz informa que no Novo Testamento, ambas as abordagens estão presentes e de maneira alguma competem entre si. E explica:

“Quando a Bíblia fala da igreja de Jesus, podemos observar a mesma bipolaridade. O Novo Testamento fala tanto de imagens dinâmicas quanto de imagens estáticas para ilustrar as características da igreja. Protótipo para a caracterização dinâmica são os textos que descrevem a igreja com imagens de cunho orgânico (por exemplo, a igreja como corpo, Rm 12.4-8). Protótipo para a caracterização estática são as afirmações que usam a linguagem técnico-arquitetônica (por exemplo, Paulo como o arquiteto sábio colocou o fundamento sobre o qual outros continuam a construir; 1 Co 3.10). "Pólo estático" aqui não significa a forma doentia, estática de pensar. Refere-se à estabilidade de que toda construção necessita. Em algumas passagens do Novo Testamento as duas formas são colocadas de forma tão intimamente relacionada em uma imagem que até parecem um paradoxo.”⁸²

Para Schwarz, a eclesiologia bipolar é um importante fundamento para a reflexão teológica sobre desenvolvimento da Igreja. Entretanto, entendemos que é necessária melhor compreensão quanto às implicações desta abordagem bipolar, para não ser interpretada como teoria dualista etc. Partindo deste princípio, entendo o pensamento do autor de que a abordagem bipolar é essencial para um entendimento teológico do crescimento da igreja, e que definitivamente é a chave teológica para a compreensão do que realmente trata o desenvolvimento natural da igreja.

4. ANALISE CRÍTICA DO PENSAMENTO DE SCHWARZ

4.1. Contribuições de Schwarz

A contribuição dada por Christian Schwarz para um novo paradigma relacionado ao crescimento natural da igreja, é a rejeição do procedimento meramente pragmático e gerir o desenvolvimento da igreja a partir de princípios. Igrejas bem sucedidas são aquelas que estão fundamentadas em princípios bíblicos bem definidos.

O Desenvolvimento Natural da Igreja apresenta conceitos bons e que em muitos casos podem revolucionar uma igreja. Mas um dos conceitos básicos a serem considerados é o de não existir formas ou processos seguros ou fórmula para o crescimento ou melhoria da

⁸² Ibid., p84

qualidade de uma igreja, o máximo que podemos acreditar existir são conselhos bons e outros não tão bons, os quais devem ser pensados e aplicados de formas diferentes a cada igreja, sendo por isso apenas conselhos.

A forma mais ampla de se ver a igreja, associando aos dons que cada cristão possui, para que a igreja cresça, tanto em número como em qualidade é algo muito positivo. O que na realidade é orientação encontrada no Novo Testamento em Romanos 12 5-6. “assim também nós, conquanto muitos, somos um só corpo em Cristo e membros uns dos outros, tendo, porém, diferentes dons segundo a graça que nos foi dada: se profecia, seja segundo a proporção da fé;” Darrel Robinson, “Jesus Cristo, cabeça da igreja, dá provisão ao seu corpo. Concede dons para a edificação, ou construção do corpo, de modo que este possa cumprir a missão dEle.”⁸³

O fator naturalidade é outra ênfase interessante e que se deve entender como um bom conselho por parte de toda a obra. A igreja pode e deve crescer naturalmente, não sendo um processo fabricado por mãos humanas, mas sim pela atuação do Espírito Santo em associação com o agente humano que se colocou em um ponto onde é possível que o Espírito Santo trabalhe através do ser humano.

Concordamos com as idéias gerais do livro, mas não o vemos como uma prova científica final e incontestável. É muito importante a argumentação e de vários dos passos colocados, os quais são chamados de Marcas de Qualidade, principalmente a orientação através dos diversos dons do Espírito Santo, o crescimento natural etc. É através de muitas dessas marcas de qualidade que temos uma nova visão do que a obra pode ser considerada um modelo de gerir a Igreja.

Um importante incentivo para os líderes em geral está o fato de que o crescimento não pode ser visto somente como quantitativo ou numérico. Crescer, portanto é desenvolver as estruturas eclesiais.

⁸³ ROBINSON, Darrell W. **Vida Total da Igreja**. Rio de Janeiro: JUERP, 2001. p155

Outro fator muito interessante está na parte que trata do “fator mínimo”. Analisar as diversas áreas que a igreja precisa desenvolver e corrigir os desvios ou o que impede o crescimento é de fundamental importância para o gerenciamento das atividades desenvolvidas. Por outro lado o autor sugere que em muitos casos o ideal é se concentrar no fator máximo. Por exemplo: “Aplicando isso à igreja como um todo, concluímos o seguinte: enquanto se tratarem de elementos permutáveis, vale a regra básica de que devemos trabalhar mais nos pontos fortes e não preocuparmos somente com os pontos fracos.”⁸⁴

Outra grande contribuição é o esclarecimento de como funciona o desdobramento de paradigmas diferentes que Schwarz denomina de “bipolaridade na igreja” comparando com a lei da bipolaridade na criação de Deus, para explicar que o desenvolvimento do crescimento da igreja acontece quando ambos os pólos: “dinâmico” e “estático” estão em harmonia, isto é, em correspondência entre si. E alerta para o cuidado de não pender para um lado ou para o outro, o que acontece na maioria dos casos. O que ele chame de “paradigma da espiritualização” ou “paradigma tecnocrático”.

Muito interessante, e a ilustração dos óculos que diz: “Paradigmas diferenciados funcionam como óculos com cores diferentes. Podemos até estar diante da mesma realidade, talvez diante do mesmo texto bíblico, mas, ainda assim, ver algo totalmente diferente.” Espiritualização e tecnocracia precisam andar junta, uma estimulando a outra, caso contrário a gestão pode se tornar ou totalmente espiritualiza ou totalmente

Ratificando as contribuições do autor entendo perfeitamente que o crescimento não pode ser visto somente como quantitativo ou numérico.

4.2. Lacunas no pensamento de Schwarz

Queremos enfocar alguns pontos que consideramos lacunas no pensamento do autor. Temos dúvidas que uma pesquisa de opinião principalmente em forma de questionários, como a realizada pelo Instituto de Desenvolvimento e autor, seja a melhor forma de se descobrir as características e principais pontos positivos e/ou negativos sobre determinada igreja, e o que é mais complexo ainda, indicar os caminhos para que esta venha a crescer. Queremos apenas dizer que perguntas e respostas em um questionário parecem ser simples demais para se chegar a conclusões tão amplas e abrangentes como as encontradas no

⁸⁴ Ibid., p56

livro. O grande problema quando se coloca passos e marcas essenciais de qualidade e progresso que é o mesmo apresentado pelo autor para validar tais passos, tudo isso acaba se tornando uma receita de crescimento. Um modelo ou método.

Se compararmos o crescimento da igreja primitiva com o as marcas de qualidade não termos um resultado positivo, pois ela teve um crescimento marcado por perseguições e muitos deram suas vidas por amor a igreja. Já para Rick Warren, o segredo do crescimento de uma igreja gerenciada com base nos cinco propósitos.

A variedade de dons, estilos e escolhas existentes na igreja devem ser consideradas, isso é um fato real. A questão principal é: porque não deixar para a própria igreja local a busca do melhor caminho para o próprio crescimento? Tudo o que for colocado a mais do que isso, será uma receita de crescimento.

Um fato muito interessante é que Schwarz apresenta sua obra como sendo a solução para o problema de todas as igrejas, em todos os continentes. Ele diz que O Desenvolvimento Natural da Igreja é um “Guia prático para cristãos e igrejas que se decepcionaram com receitas mirabolantes de crescimento,”⁸⁵ como se o método por ele apresentado fosse agora a grande solução, quando na realidade o que é apresentado não passa de mais um modelo de crescimento.

Ele critica os demais modelos chamando-os de mitos que não levarão a lugar algum, (faltas de ética) e apresenta a sua obra como sendo o segredo para um crescimento natural. Ele afirma que “deixando para trás programas de sucesso imaginados por homens e abraçando os princípios de crescimento que Deus colocou na sua criação.”⁸⁶ A igreja cresce, no entanto, outros modelos não são diferente, seus autores, na maioria aliam seus modelos aos princípios bíblicos salvo exceções.

Algo que exige um maior esclarecimento na obra de Schwarz é a ausência de citações, a visita a outros autores que pesquisaram, escreveram e agruparam experiências sobre o mesmo assunto. O cruzamento com o pensamento dos demais autores daria mais respaldo científico a sua obra.

⁸⁵ SCHWARZ, Chistian A. **O Desenvolvimento Natural da Igreja**. Curitiba: Ed. Evangélica Esperança. 1996.

p1

⁸⁶ Ibid., p6

Em sua obra “Mudança de Paradigma na Igreja” Schwarz trata exclusivamente sobre a teologia bipolar, que para ele é a solução para o crescimento da igreja. E diz:

“Todo movimento de reforma é confrontado com uma força de oposição conhecida como ‘ortodoxia’. Foi assim nos dias da Reforma do século XVI (quando a oposição partiu da ortodoxia católica romana); foi assim também nos dias do avivamento pietista na Europa (que sofreu oposição por parte dos protestantes); o mesmo parece ocorrer com todo movimento que luta em prol de uma reforma na igreja atual”.⁸⁷

Como o Desenvolvimento Natural da Igreja pode transformar o pensamento teológico? É tempo de uma terceira Reforma? Não seria esse um termo pretencioso demais? Conceitos que precisam ser analisados criteriosamente antes de aplicá-los a gestão da igreja.

Qualquer pessoa ao ler O Desenvolvimento Natural da igreja será atraído pelos pressupostos apresentados pelo autor. Mesmo o leitor de ocasião sem muito interesse no assunto, será motivado por um grande número de ilustrações coloridas demonstrando as várias lições elaboradas por Schwarz, através de seu estudo sobre o crescimento de igreja. As tabelas e gráficos transcendem o que poderia ser uma estatística maçante. Ao contrário, eles trazem à vida, em uma forma de fácil entendimento e utilização, despertando ao leitor ao que Schwarz está comunicando.

Embora a organização do livro o torne bastante atraente, há um sentido em que aparenta ser amador. Talvez, nós nos tornamos acostumados ao prolixo, páginas em preto e branco, com estudos que associam verdades. No entanto, a falta de uma bibliografia nos leve a pergunta: quem é Christian Schwarz, como um estatístico e especialista em crescimento de igreja? Pode-se desenvolver um livro equilibrado, baseado unicamente em sua própria pesquisa, sem consultar o corpo de literatura de crescimento da igreja, exceto a Bíblia?

As marcas de qualidades para o crescimento de igrejas que ele apresenta na obra representam claramente os princípios bíblicos, que não podem ser facilmente contestados

Seus pressupostos, bem delimitados em sua introdução, também parecem basear-se nos princípios bíblicos. Por exemplo, Schwarz fala muito de descobrir o princípio biótico, que é “a capacidade inerente de um organismo ou espécie de se reproduzir e sobreviver.”⁸⁸ Isto é, Deus tem embutido no quadro genético de toda a humanidade a capacidade de se

⁸⁷ SCHWARZ, A. Christian, **Mudança de Paradigma na Igreja** Ed. Evangélica Esperança. 2001. p15

⁸⁸ Ibid., p10.

reproduzir. Esta mesma capacidade é incorporada no código genético da igreja. Mas existem obstáculos no mundo natural, que dificultam o crescimento, por isso se faz necessário minimizar os obstáculos de modo que a igreja cresça por conta própria.

“O Desenvolvimento Natural da Igreja”, aponta para os princípios eternos. Como Paulo disse, “Eu plantei a semente, Apolo regou, mas Deus o fez crescer.” (I Coríntios 3.6). Através do Desenvolvimento Natural da Igreja, estaremos mais bem preparados para distinguir entre o aspecto inorgânico de crescimento da igreja, que trabalham para desenvolver as oito qualidades em nossas igrejas, e os aspectos orgânicos, que só podem ser feitos por Deus, que produz o crescimento.

Parece-nos que a igreja não vai crescer qualitativamente sem as marcas de qualidade, só elas poderão liberar o potencial natural para a igreja crescer. Será isso a verdade final? Enquanto o estudo de Schwarz diz que sim, a resposta parece ser mais ampla do que ele identifica. Por esta razão, a maior parte da literatura sobre o crescimento da igreja deve ser investigada também.

Outra questão a ser considerada é que as marcas de qualidade viram princípios que são o segredo para o sucesso do crescimento natural. Entretanto, as Escrituras afirmam que quem dá o crescimento é Deus, logo entendo que as marcas são ferramentas utilizadas pelo homem. O que faz das oito marcas de qualidade, princípios naturais? Em cada uma das marcas de qualidade é feita a distinção entre o substantivo e o adjetivo ou qualificativo. “O segredo dessas oito marcas de qualidade não está nos substantivos ("liderança", "ministérios", "espiritualidade", etc.), mas nos qualificativos ("capacitadora", "orientados pelos dons", "contagante", etc.)”⁹¹. A realidade por trás dos substantivos existe em praticamente todas as igrejas, mas o que realmente torna o índice de qualidade de uma igreja elevado é que ela conseguir liberar, em todas as áreas do seu trabalho, os processos automáticos de crescimento dados por Deus. Se o processo de crescimento é dado por Deus, em que a igreja tem poder para liberá-lo? Quem libera o crescimento? Em (1 Co.3.5-7) “Pois quem é Paulo e quem é Apolo, senão ministros pelos quais crestes, e conforme o que o Senhor deu a cada um? Eu plantei, Apolo regou; mas Deus deu o crescimento. Pelo que nem o que planta é alguma coisa, nem o que rega, mas Deus, que dá o crescimento.”

⁹¹ Ibid., p78

Quanto ao culto inspirador, acreditamos ser algo completamente diferente levando em conta o local, os costumes, e as épocas. O que pode ser inspirador para uns pode não ser para outros.

Entendemos que essa marca de qualidade envolve uma grande subjetividade. Com certeza encontraremos grandes diferenças inspiradoras entre igrejas que possam estar bem próximo uma da outra. Schwarz explica que há necessidade de entender o sentido literal a palavra “inspiradora”, pois se origina no sentido literal de “inspiratio”, que significa inspiração que vem do espírito de Deus. E afirma ainda que: a organização, a liturgia, programas evangelísticos para sem igreja, não são fatores que possam levar a igreja ao crescimento. Ele diz: “Podemos direcionar os nossos cultos totalmente para cristãos, ou totalmente para não-cristãos; podemos realizá-los na língua de Canaã, ou em língua “secular” podemos realizá-los de forma litúrgica ou de forma livre, mas tudo isso não é essencial para o desenvolvimento da igreja. O culto inspirador é aquele que agrada aos ouvintes, onde podem se sentir bem, em culto gostoso, alegre.”⁹²

Na realidade o mesmo espírito que inspira para a alegria é o mesmo que inspira a reflexão da realidade do ser humano que é pecador. Nem sempre a mensagem vai ser agradável, mas sim, uma confrontação entre o ser humano e Deus, para entender os seus propósitos.

4.3. A Cientificidade de Schwarz

Schwarz afirma que sua obra é o resultado de uma pesquisa científica, e que as chamadas “marcas de qualidades” são o resultado desse trabalho científico. No entanto, se considerarmos que nem tudo que envolve a vida da igreja pode ser tabulado cientificamente, temos aqui um problema.

O que se entende por elemento científico? A história da Igreja terá um elemento científico à medida que o historiador eclesiástico usar o método científico. Conforme Earle E. Cairns,

“O historiador usa o labor científico do arqueólogo, que revela os dados

⁹² Ibid., p31

remanescentes do passado que desencavou. O estudo da arte das catacumbas de Roma tem nos ensinado muito sobre a Igreja primitiva. O autor de uma história da Igreja precisará ainda usar as técnicas da crítica literária para avaliar os documentos da história da Igreja. Ele terá que privilegiar as fontes originais, sejam elas levantadas pelo arqueólogo, mostradas pelos documentos ou contadas por testemunhas oculares. Todo este material, convenientemente avaliado, informa acerca das questões vitais do método histórico: que, quem, quando e onde. As duas últimas questões são importantes para o historiador porque os eventos históricos são condicionados pelo tempo e pelo espaço. O trabalho do historiador é científico em relação ao método, mas não resultará em ciência exata porque sua informação acerca dos acontecimentos do passado pode ser incompleta ou falsa, lida à luz de seus próprios pressupostos e pelos de seu tempo e afetados pelos grandes homens. Ele é também um agente livre que é parte de seus dados. Deus como um ator na história inviabiliza a idéia de história como uma ciência exata.”⁹³

Júlio Fontana em seu artigo “Teologia, ciência ou metafísica” afirma que nos dias atuais tem-se discutido muito sobre a cientificidade da teologia. E para explicar essa discussão faz um contraste entre ciência e pseudociência, e teologia e ciência da religião. Sobre essa afirmativa ele diz:

“Há um grupo de bons teólogos que estão levantando a idéia de que a teologia é uma ciência. Outros, porém, acreditam que a teologia jamais poderá ser enquadrada como ciência. Tendo em vista essa discussão, devo considerar o *estatuto epistemológico da teologia*. Primeiramente, devemos saber o que é ciência e o que é teologia. Farei isso contrastando ciência e pseudociência, e teologia e ciência da religião.”⁹⁴

Diante dessa discussão, vamos considerar o princípio epistemológico da teologia. O que é ciência e o que é teologia?

Para Mario Bunge, “cientificidade é a propriedade de ser científico. Há diversos critérios de cientificidade. Uma condição necessária para que um item (hipótese, teoria ou método) seja científico é que seja ao mesmo tempo conceitualmente preciso e suscetível a teste empírico.”⁹⁵

Lakatos, ressalta a importância da elaboração de um critério de demarcação entre ciência e pseudociência. Ele diz: “A demarcação entre ciência e pseudociência não é um mero problema de filosofia de salão: é de vital relevância social e política.”⁹⁶

⁹³ (CAIRNS, Earle E. **O Cristianismo Através dos Séculos**. 2. ed. São Paulo: Vida Nova, 1988. p14,15

⁹⁴ _____. Publicação da Sociedade Paul Tillich do Brasil e do Grupo de Pesquisa Paul Tillich do Programa de Pós-Graduação em Ciências da Religião da Universidade Metodista de São Paulo.

⁹⁵ BUNGE, Mário. **Dicionário de Filosofia**, São Paulo: Perspectiva, 2006. p57

⁹⁶ LAKATOS, Imre. **História da ciência e suas reconstruções racionais**. Lisboa: edições 70, 1998. p11

Hawking, descreve a natureza da teoria científica da seguinte forma: “qualquer teoria física é sempre provisória, no sentido de ser apenas uma hipótese: nunca é possível prová-la. Não importa quantas vezes os resultados dos experimentos estejam de acordo com alguma teoria, você nunca poderá ter certeza de que, na próxima vez, o resultado não a contradirá. Por outro lado, você pode desacreditar uma teoria encontrando uma única observação que seja discordante de suas previsões.”⁹⁷

Popper, diz que “a ciência se caracterizava pela sua base na observação e pelo método indutivo, enquanto a pseudociência e a metafísica se caracterizam pelo método especulativo ou, como disse Francis Bacon, pelo fato de funcionar com “antecipações mentais” – algo muito semelhante às hipóteses.”⁹⁸

Diante do critério demarcador de Popper, concluímos que a teologia, não permite a testabilidade de suas teorias, portanto, não pode ser considerada uma ciência. Concorda Tillich ao afirmar: “Tentativas de elaborar uma teologia como uma “ciência” empírico-indutiva ou metafísico-dedutiva, ou como uma combinação de ambas, evidenciaram amplamente que não conseguem ter êxito.”⁹⁹

Ciência da religião e Teologia tem mantido relações nem sempre harmônicas desde que a ciência se impôs na academia. Após perder sua antiga filosofia, a teologia vê-se agora desafiada a disputar espaço no âmbito multidisciplinar da ciência da religião. Porém, o maior desafio da teologia é o de não ser incorporada pela ciência da religião, se tornando somente mais uma disciplina componente desta. Para evitar este envolvimento, é necessário elaborar um critério de demarcação que faça uma distinção nítida entre essas duas áreas do saber religioso.

Para Greschat, a principal distinção é que “os teólogos são especialistas religiosos”¹⁰⁰ enquanto “os cientistas da religião são especialistas em religião.”¹⁰¹ Portanto, a

⁹⁷ HAWKING, S. W. **Uma nova história do tempo**, Rio de Janeiro: Ediouro, 2005. p23

⁹⁸ POPPER, Karl. **Autobiografia Intelectual**, São Paulo: Cultrix/EDUSP, 1977. p283

⁹⁹ Ibid., p26

¹⁰⁰ GRESCHAT, Hans-Jürgen. **O que é ciência da religião?** São Paulo: Paulinas, 2005. p155

¹⁰¹ Ibid., p155

característica de ser religioso é fundamental para os teólogos enquanto para os cientistas da religião não existe essa obrigatoriedade.

Jared Wicks, por exemplo, diz que “o teólogo é, antes de tudo, um crente que participa da visão e da esperança transmitidas pela fé da Igreja, o que implica uma relação especial com os livros da Escritura reunidos na Bíblia.”¹⁰² O cientista da religião, no entanto, poder ser um agnóstico e até mesmo um ateu. “Às vezes, essa ausência de crença é até vista como um ponto positivo, pois o pesquisador acaba adquirindo o atributo da imparcialidade,”¹⁰³ no entanto, Rubem Alves critica categoricamente a reivindicação de imparcialidade ou neutralidade feita por alguns cientistas sociais, extensível aos cientistas da religião.

Com base nessa distinção, Greschat aponta outras diferenças existentes entre teologia e ciência da religião. Ele diz que “os teólogos investigam a religião a qual pertencem, os cientistas da religião geralmente se ocupam de outra que não a própria.”¹⁰⁴ Wicks, por exemplo, diz que “em sua melhor forma, a teologia é uma percepção e expressão renovada da palavra de Deus na Igreja, para o enriquecimento dos pastores e do povo de determinada região cultural, na visão de fé e na santidade de vida.”¹⁰⁵ Nota-se, portanto que a teologia é um discurso realizado segundo um movimento do centro para fora, dos teólogos para a comunidade de crentes. Isso é facilmente verificado explicitando-se os destinatários da teologia produzida pelos teólogos.

Wicks diz que “as intuições e as propostas teológicas de compreensão naturalmente são apresentadas à comunidade de cuja fé, culto e serviço o teólogo se alimenta e mantém.”¹⁰⁶ Portanto, a teologia fala à comunidade de fé, enquanto os cientistas da religião falam ao público em geral.

Tanto a ciência como a religião são os dois grandes gigantes em que os homens se apóiam para tentar compreender as realidades e verdades que o circuncidam. Tanto a ciência como a religião provocam este movimento de ascensão do homem, rumo a um céu de

¹⁰² WICKS, Jared. **Introdução ao método teológico**. São Paulo: Loyola, 2a edição, 2004. p39

¹⁰³ ALVES, Rubem. **Religião e Repressão**. São Paulo: Loyola, 2005. p19

¹⁰⁴ GRESCHAT, 2005, op. Cit., p155

¹⁰⁵ WICKS, 2004, op. Cit., p87

¹⁰⁶ Ibid., p119

descobertas e de salvação. É sempre matéria de muitas discussões a relação ou oposição existentes entre religião/fé e razão/ciência. Há aqueles que não acreditam que as duas possam coexistir em um mesmo ambiente, já que são antagônicas. E por outro lado há aqueles que não vêem ambigüidades entre religião e ciência, ou ainda pelo contrario, conseguem ver complementaridade entre ambas. Esta questão não é atual. Ela vem de um passado longínquo e que se entrelaçou nas investigações de muitos pensadores.

Alguns tentaram responder a dualidade entre matéria e espírito e tornar essas duas realidades não mais opostas, mas congruentes. Foi o que tentou um dos mais importantes filósofos da humanidade, o alemão Kant. Em suas análises sobre a metafísica, ainda que de forma muito minuciosa e para maioria, algo muito complexo, ele tenta responder as questões físicas e ao mesmo tempo metafísicas. Uma coisa não precisa necessariamente negar a outra para ser autêntica. O fato é que as duas tem um espaço a ocupar, e tentar suprimir este espaço, sempre deixara um vago sem respostas. René Descartes, um francês, também tentou antes mesmo de Kant, mas ao contrário do alemão ele não buscou tanto uma convergência dessas duas realidades, mas uma justa e necessária distinção.

Pois não se pode atribuir a um o que pertence a outro. Há coisas próprias do espírito e em contra partida há também coisas próprias da matéria e que por sinal podem ser explicadas e experimentadas. René não rejeitou nenhuma parte, apenas queria dar a cada uma seu devido lugar.

Reconhecemos que de certa forma, precisamos aprofundar o assunto ciência/teologia, ciência/fé, e ciência/religião; por se tratar de assunto inesgotável, ainda há muito a ser refletido sobre a questão. Todavia entendo que a ciência tem a sua importância, assim como a teologia também tem a sua importância para a humanidade.

4.4. Gestão e Crescimento da igreja

Analisando o acervo sobre crescimento de igreja, entendemos que se faz necessário apresentar alguns modelos de gestão/crescimento de igreja, assim como comparar os diferentes paradigmas levantados em cada obra analisada, procurando fazer relação com a proposta de Schwarz.

Independente do modelo ou autor, a pesquisa feita para este trabalho, levantou dados que apontam para o fato de que há uma forte relação entre o crescimento da igreja e a forma de gestão aplicada. Entendemos por crescimento pleno e natural, uma administração dinâmica, consistente, organizada e também equilibrada, visando o crescimento de todos e não somente de uma parte do todo. Outro fator que esta pesquisa revelou é que os autores apontam paradigmas diferentes que liberam ou são obstáculos para o gerenciamento do crescimento.

Neste contexto Warren nos mostra que cada crente é um ministro em potencial, possuindo cada um o seu grau de importância no corpo. Não existe mais uma mera divisão departamental, mas uma unidade ministerial, onde cada um exerce seu dom de forma a edificar o corpo como um todo.

Todavia, Schwarz alerta que a orientação ministerial pelos dons foi mal interpretada nos últimos tempos. Era tida como um mero modismo ligado a métodos de crescimento de igreja, enquanto na verdade tratava-se de um dos pontos chaves para este crescimento.

Existe algo que dirige ou motiva a igreja. Ainda que não esteja explícito ou escrito, este algo realmente existe e direciona o funcionamento da igreja como um todo. Segundo Warren, existem vários tipos de igreja, conforme aquilo que as dirige “(tradição, personalidade, finanças, programas, construções, eventos e etc.),”¹⁰⁷ no entanto, para ele existe um único modelo bíblico, isto é, a igreja dirigida por propósitos.

Ao descobrir qual o propósito de Deus, a igreja deve articular-se de forma a estabelecer metas e alvos a serem alcançados. Assim, a declaração de propósitos será o guia para implementação, avaliação e controle dos ministérios, programas e atividades. Em Warren vemos o estabelecimento de propósitos básicos os quais a igreja deve atentar, a saber: “Amar a Deus com todo coração; Amar ao próximo como a si mesmo; Fazer discípulos; Batizar; Ensinar a obediência.”¹⁰⁸ Para serem efetivamente norteadores os propósitos devem em primeiro lugar ser corretamente comunicados à igreja, conscientizando-a de sua necessidade e importância. Em segundo lugar a igreja deve organizar-se em função deles, evitando desvios.

¹⁰⁷ Warren, Rick. **Uma Igreja Com Propósitos**. Editora Vida. 2001. pp81-83

¹⁰⁸ Ibid., p105-107

E em terceiro lugar os propósitos devem ser integrados a cada área e aspecto da vida na igreja, ou seja, os ministérios devem estar em sintonia.

Comparando o resultado dos estudos sobre crescimento de Warren e Schwarz, concluímos que para Schwarz, as marcas de qualidades são os novos paradigmas que são estímulos para o crescimento natural, enquanto para Warren, os novos paradigmas são os propósitos, sem os quais a igreja não crescerá.

Quando os paradigmas se tornam prejudiciais e precisam ser quebrados? Para Kivitz paradigmas podem ao mesmo tempo “estabelecer limites e referências de segurança e transformar-se em bloqueios para projetos benéficos.”¹⁰⁹ Assim sendo, podemos dizer que ao mesmo tempo que os paradigmas traçam limites de segurança, podem também transformar-se em barreiras que retardam e bloqueiam o crescimento

Schwarz diz que “o maior obstáculo ao desenvolvimento estratégico da igreja são os bloqueios teológicos profundamente arraigados”¹¹⁰ Para ele, o crescimento natural da igreja somente pode ser obtido através de mudanças ainda mais radicais quanto as da Reforma Protestante. É preciso aplicar o que Paulo nos diz em Romanos 12, quando admoesta-nos a provar uma renovação de mente.

Na busca de um crescimento pleno, verdadeiro e natural da igreja, devemos suplantar as barreiras e bloqueios concernentes aos falsos paradigmas. Na visão de Kivitz a igreja deve espelhar-se na Igreja descrita em Atos, “saindo dos limites de culto-clero-domingo-templo”¹¹¹ O culto-clero-domingo-templo são estruturas que cumprem papel de importância para a vida cristã. Nem por isso podemos dizer serem estes limites suficientes, pois não o são. Já Schwarz apresenta dois outros paradigmas: o tecnocrático e o da espiritualização. O primeiro valoriza extremamente a questão institucional, deixando totalmente de lado o espiritual. Já o segundo enfatiza o espiritual, classificando como sendo totalmente sem importância a questão institucional. Deve haver uma mudança de paradigmas, onde não haja mais a divisão entre “tecnocratas” e “espiritualizantes”, mas sim uma visão

¹⁰⁹ KIVITZ, Ed R. **Quebrando Paradigmas**. São Paulo: Abba Press. 1995. p13

¹¹⁰ SCHWARZ, Christian. **Mudança de Paradigma na Igreja**. Curitiba: Ed. Evangélica Esperança. 2001. p7

¹¹¹ KIVITZ, op. Cit., p97

bipolar onde os dois lados existam juntos em harmonia. Desta forma o corpo estará crescendo e se desenvolvendo de uma forma natural e plenamente sadia.

Comparando os paradigmas concluímos que enquanto para Kivitz, os paradigmas limitadores do crescimento de certa forma, são “culto-clero-domingo-templo”, para Schwarz, o que dificulta o desenvolvimento do crescimento natural é a falta de interação entre os pólos “dinâmico e estático” onde se encontra o segredo para a aplicabilidade das marcas de qualidade.

Miranda, por sua vez, assevera que “A igreja não precisa somente de um crescimento em número de pessoas, mas também em número de congregações ou igrejas novas”¹¹² Partindo deste pressuposto ele diz que a vontade de Deus é que ocorra a plantação de novas igrejas e não que a igreja cresça infinitamente sem expandir-se.

A expansão através da abertura de novas frentes é realmente importante. Primeiramente por oportunizar o alcance de vidas que não tinham acesso à igreja sede. Em segundo lugar, por propiciar a abertura de campo para que outros possam contribuir de forma mais efetiva e direta, para com a obra do Senhor. Desta forma o crescimento será mais efetivo.

Schwarz não qualifica a plantação de novas igrejas como uma marca referentes às igrejas que crescem. Ele afirma que a plantação de novas igrejas é o resultado da existência destas marcas, que identificam igrejas que crescem. Sendo assim, podemos dizer que na visão de Schwarz, igrejas realmente sadias tendem a se reproduzir em outras igrejas, em um processo contínuo, crescente e natural. Vemos, portanto que para Miranda, as igreja precisa ter uma visão missionária e administrativa que a leve ao crescimento local e mais amplo. Porém, para Schwarz, o crescimento local e mais amplo acontece em função da marcas de qualidades que tornam o crescimento natural.

Compreendemos então que do ponto de vista de cada autor o seu modelo dará certo desde que bem administrado, observando os paradigmas que contribuem para a liberação do potencial natural que produzirá o crescimento da igreja. No Novo testamento encontramos em Efésios (4.11,12) orientações referentes ao gerenciamento que deveria ser dado para o crescimento dos santos: “E ele mesmo concedeu uns para apóstolos, outros para profetas,

¹¹² MIRANDA, Juan C. **Manual de Crescimento da Igreja**. São Paulo: Edições Vida Nova. 1989. p181

outros para evangelistas e outros para pastores e mestres, com vistas ao aperfeiçoamento dos santos para o desempenho do seu serviço, para a edificação do corpo de Cristo.”

Portanto, crescer de forma natural envolve participação de todos e não somente da liderança. Todos devem ser treinados, capacitados e aparelhados para contribuir com o trabalho da igreja. No entanto, na prática não é isto que vem acontecendo nas igrejas de um modo geral. É responsabilidade dos pastores e líderes conscientizar e preparar seus liderados, conduzindo-os ao desenvolvimento de “uma mentalidade de crescimento ou reprodutora.”¹¹³

Moore diz que “o plano de Deus é que a Igreja multiplique trabalhadores para a seara.”¹¹⁴ Assim sendo, é responsabilidade da igreja não somente ganhar vidas para Cristo, mas também treiná-las e enviá-las para ganhar outras vidas. Pode-se dizer que em Efésios (4:11,12) temos a descrição da real função do pastor e dos líderes. A eles compete equipar e preparar os santos para o desempenho do serviço do Senhor, edificando o corpo de Cristo, a Igreja. Temos em Jesus Cristo o maior exemplo do que é aperfeiçoar os santos. Jesus ensinou e treinou seus discípulos, capacitando-os ao cumprimento da Grande Comissão.

CONCLUSÃO

Podemos então concluir que o crescimento da igreja pode ser encarado de diferentes perspectivas. Os cristãos têm demonstrado ao longo dos séculos a preocupação de divulgar a sua fé no do mundo, atendendo ao imperativo de Cristo. Esse crescimento teve aspectos apreciáveis, na medida em que a fé cristã veio enriquecer a vida de muitos povos, levando a indivíduos, famílias e sociedades: dignidade esperança e maneiras mais construtivas de encarar a vida. O crescimento da igreja muitas vezes teve um efeito benéfico e civilizador, trazendo consigo avanço cultural, educação, elevação do nível de vida e promoção humana em diversas áreas. Por outro lado, esse crescimento teve de enfrentar momentos de perseguição e muita perseverança por parte dos cristãos. Crescimento, portanto não pode ser

¹¹³ AGUILERA, José M. **Dinamizando a Igreja Para Cumprir a Grande Comissão**. São Paulo: Abba Press 1995, p36

¹¹⁴ MOORE, Waylon. **Multiplicando Discípulos**. Rio de Janeiro: Juerp. 1983. p115

visto somente como qualitativo ou numérico. Crescer é desenvolver a estrutura eclesiástica, fomentando o treinamento, a capacitação e o envolvimento de todos.

Conforme nos diz a carta de Tiago, a Palavra de Deus não deve ser somente ouvida ou lida. Ela deve principalmente ser vivenciada e praticada, como um testemunho vivo da ação de Cristo na vida do ser humano. O princípio reformado de *Sola Scriptura* afirma-nos que “As Escrituras Sagradas constituem-se numa regra completa de fé e prática”¹¹⁵ A Palavra de Deus é a única regra infalível de fé e prática, esta é a síntese do princípio de *Sola Scriptura*. As autoridades e a tradição são falíveis e até mesmo passageiras, no entanto, a Palavra de Deus é infalível e eterna em sua totalidade.

A Palavra deve ser a base ou o parâmetro para o viver do homem de Deus. Ela deve ser vista como norteadora do caráter cristão de modo geral. Sem a Palavra de Deus não pode haver crescimento. Vemos que o crescimento para ser natural deve ser abençoado e dirigido por Deus.

A obra: O Desenvolvimento Natural da Igreja tem conceitos bons e que em muitos casos podem sim revolucionar uma igreja. O fator naturalidade, por exemplo, é uma ênfase interessante e que devemos entender como uma boa orientação por parte dessa obra. A igreja pode e deve crescer naturalmente, não sendo um processo fabricado por mãos humanas, mas sim pela atuação do Espírito Santo, em associação com o agente humano que se colocou em um ponto onde é possível o Espírito Santo trabalhar através dele. A forma mais ampla de ver a igreja, associando aos dons que cada cristão possui para que a igreja cresça tanto em número como em qualidade é algo muito positivo.

A liderança eficaz começa com uma relação íntima com Deus, que resultará em liderança capacitadora para multiplicar, orientar, capacitar e equipar discípulos para atingirem seu potencial pleno em Cristo e trabalhar em conjunto para realizar a visão de Deus. A Igreja é o Corpo vivo de Cristo, e como organismo saudável, requer estruturas funcionais, para o cumprimento de sua finalidade. Quanto ao culto inspirador entendemos que se trata do encontro pessoal ou em grupo para adoração, que é o resultado da experiência de vida com Deus. “Celebrai com júbilo ao Senhor, todas as terras. Servi ao Senhor com alegria, apresentai-vos diante dele com cântico.” (Salmos 100.1-2). Que extraordinário princípio da

¹¹⁵ ANGLADA, Paulo. *Sola Scriptura. A Doutrina Reformada das Escrituras*. S. Paulo. Os Puritanos. 1998. p73

Escritura - celebrar com alegria o Nome do Senhor. Quem se apresenta diante dEle deve estar alegre na alma para agradá-lo. Ação de graças com alegria é essencialmente necessário para adorar a Deus.

Outro fator importante dessa obra são os grupos pequenos ou familiares. Grupos organizados para atender as necessidades individuais, o desenvolvimento de cada pessoa de acordo com seus dons, e o preparo de líderes para sustentar o crescimento da igreja. Esse relacionamento cristão abre fronteiras para a evangelização, objetivando conduzir novas pessoas a Cristo e integrá-las na família de Deus, onde os cristãos podem ter um relacionamento marcado pelo amor fraterno.

A estratégia do fator mínimo, que ajuda a ordenar as qualidades da igreja, utilizando a marca de qualidade mais forte para trabalhar a marca de qualidade mais fraca, pois o crescimento da igreja não está reduzido a apenas um fator. Algo a ser levado em consideração pela liderança que pretende desenvolver um trabalho eficaz.

O fator crescimento da igreja é semelhante ao desenvolvimento da natureza isto é, segue as leis dos seres vivos, aqui está firmado o modelo de crescimento de Schwarz. Todavia a eclesiologia bipolar é o que está por trás de toda estrutura da obra, o que exige do leitor melhor entendimento do assunto para a compreensão do pensamento do autor.

Schwarz, afirma que sua obra, “O Desenvolvimento Natural da Igreja”. É um “guia prático para cristãos e igrejas que se decepcionaram com receitas mirabolantes de crescimento.” Diz ainda o autor que as marcas de qualidade são princípios para o crescimento e não uma receita ou um método, um modelo. Segundo o Dicionário Aurélio, “Método é o caminho pelo qual se atinge o objetivo. Programa que regula previamente uma série de operações que se devem realizar, apontando erros evitáveis, em vista de um resultado determinado”.¹¹⁶ Com as marcas qualidade não pode ser diferente. Com base nesse esclarecimento posso afirmar que essa obra é um método, um modelo de crescimento de igrejas.

¹¹⁶ FERREIRA, Aurélio B. Holanda. Dicionário Eletrônico Aurélio da Língua Portuguesa. 3.ed. Rio de Janeiro: Editora Positivo. 2004.

Com referencia a cientificidade, entendemos que, tanto a ciência como a religião são os dois grandes gigantes em que os homens se apóiam para tentar compreender as realidades e verdades que o circuncidam. Tanto a ciência como a religião provocam este movimento de ascensão do homem, rumo a um céu de descobertas e de salvação. É sempre matéria de muitas discussões a relação ou oposição existentes entre religião/fé e razão/ciência. Há aqueles que não acreditam que as duas possam coexistir em um mesmo ambiente, já que são antagônicas. E por outro lado há aqueles que não vêem ambigüidades entre religião e ciência, ou ainda pelo contrario, conseguem ver complementaridade entre ambas. Esta questão não é atual. Ela vem de um passado longínquo e que se entrelaçou nas investigações de muitos pensadores.

Alguns tentaram responder a dualidade entre matéria e espírito e tornar essas duas realidades não mais opostas, mas congruentes. Foi o que tentou um dos mais importantes filósofos da humanidade, o alemão Kant. Em suas análises sobre a metafísica, ainda que de forma muito minuciosa e para maioria, algo muito complexo, ele tenta responder as questões físicas e ao mesmo tempo metafísicas. Uma coisa não precisa necessariamente negar a outra para ser autêntica. O fato é que as duas tem um espaço a ocupar, e tentar suprimir este espaço, sempre deixará um vago sem respostas. René Descartes, um francês, também tentou antes mesmo de Kant, mas ao contrário do alemão ele não buscou tanto uma convergência dessas duas realidades, mas uma justa e necessária distinção. Não se pode atribuir a um o que pertence a outro. Há coisas próprias do espírito e em contra partida há também coisas próprias da matéria e que por sinal podem ser explicadas e experimentadas. René não rejeitou nenhuma parte, apenas queria dar a cada uma seu devido lugar.

Entendemos que o método utilizado por Schwarz para chegar as conclusões a que chegou, foi pesquisa científica em parte. A formulação das “Marcas de Qualidade” são o resultado dessa pesquisa, porém, nem todas as marcas podem ser tabuladas cientificamente. Quando falamos de culto inspirador, por exemplo, estamos tratando com algo abstrato, não pode ser medido cientificamente. Temos na obra partes resultantes do trabalho científico, parte resultante da obra do espírito.

Reconhecemos que de certa forma, precisamos aprofundar o assunto, ciência e teologia, ciência e fé, ciência e religião, por se tratar de assunto relevante, e ainda há muito a

ser refletido sobre estes temas. Entendo, entretanto que a ciência tem a sua importância, assim como a teologia também tem a sua importância para a humanidade.

A interpretação que Christian Schwarz oferece, conforme se objetivou mostrar nesse trabalho, é importante para a igreja. São discursos reflexivos, análise de crescimento, análise crítica do pensamento, é olhar para o passado, projetar o futuro sem abstrair o presente. A centralidade recai sobre o crescimento, que para a igreja cristã significa o cumprimento da Grande Comissão, fazer discípulos. Eis um tema muito pertinente, diante do desafio da crise eclesiológica da atualidade. Aqui há um campo vasto e fecundo para o debate eclesiológico, muito pertinente a realidade da igreja, em busca do crescimento natural e saudável.

O meu primeiro contato com essa obra foi surpreendente, principalmente na parte que trata da eclesiologia bipolar. Algo que despertou minha atenção para um melhor entendimento da complexidade do ser humano quanto a sua religiosidade. Dois assuntos me atraem para a necessidade de continuar pesquisando, primeiro Ciência/Fé, Ciência/teologia, Ciência/religião. Segundo a Teologia e Eclesiologia bipolar. Estes são temas que serão desenvolvidos posteriormente.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

AGUILERA, José M. **Dinamizando a Igreja Para Cumprir a Grande Comissão**. SP. Abba Press. 1995.

AMITRANO, Frederico A. **Crescimento de Igreja**: Revista Brasileira de Teologia, 01, (01), 2000.

ANGLADA, Paulo. **Sola Scriptura**. São Paulo: Os Puritanos. 1998.

Bíblia de Estudo Almeida. Traduzida em português por João Ferreira de Almeida, edição revista e atualizada no Brasil. São Paulo: Sociedade Bíblica do Brasil. 1998.

BARNA, George. **O Marketing a Serviço da Igreja**. São Paulo, SP: Abba Press, 2000.

BUGBEE, B.; BISPO, A. **Como Descobrir Seu Ministério No Corpo**: São Paulo: Editora Vida. 2001.

CAMPANHÃ, Josué. **Planejamento Estratégico**. São Paulo: Editora Vida, 2000.

- CAIRNS, Earle E. **O Cristianismo Através dos Séculos**. Ed. São Paulo Vida Nova. 1995.
- CECHINATO, Luiz. **20 Séculos de Caminha da Igreja**: Petrópolis, RJ. Ed. Vozes. 1996.
- CESÁREA, Euzébio. **Histórias Eclesiásticas**. Editora Novo Século Ltda. SP. 1999.
- DONAHUE, B.; RUSS R. **Edificando Uma Igreja de Grupos Pequenos**. São Paulo: Editora Vida, 2003
- ELWELL. Walter A. **Enciclopédia Histórico Teológica da Igreja Cristã**. vol. III. São Paulo: Ed. Vida Nova. 1990.
- FERREIRA. Aurélio B. Holanda. **Dicionário Eletrônico Aurélio da Língua Portuguesa**. 3.ed. Rio de Janeiro: Editora Positivo. 2004.
- GRUNER, Leroy. **Crescimento Contagioso da Igreja**. Rio de Janeiro: CPAD. 1984.
- HENRY, Melvill Gwatkin, **Early Church History**, 1980.
- HYBELS, B.; BUGBEE, B.; COUSINS, D. **Rede Ministerial**. São Paulo: Editora Vida. 1996.
- KEYES, Lourenço E. **Crescimento Equilibrado na Igreja Local**. São Paulo: Editora Sepal. (s/d).
- KIVITZ, Renée Ed. **Quebrando Paradigmas**. São Paulo. Editora Abba Press. 2007
- KORNFELD, D.; ARAÚJO, G. **Implantando grupos familiares**. São Paulo: Editora Sepal. 2000.
- MCGAVRAN, Donald. **Compreendendo o Crescimento da Igreja**. São Paulo. Ed. Sepal 2001.
- MIRANDA, Juan C. **Manual de Crescimento da Igreja**. São Paulo: Edições Vida Nova. 1989.
- MOORE, Waylon. **Multiplicando Discípulos**. Rio de Janeiro: Juerp. 1983.
- NEUMANN, Mikel. **Alcançar a Cidade**. São Paulo: Edições Vida Nova. 1993.
- OLIVEIRA, Raimundo. **Seitas e Heresias**. Rio de Janeiro: CPAD. 1998.
- PIRAGINE, Júnior Paschoal. **Crescimento Integral da Igreja**. São Paulo: Editora Vida. 2006
- ROBINSON, Darrell W. **Vida Total da Igreja**. Rio de Janeiro: JUERP, 2001
- RODE, Isabel e Daniel. **Crescimento-chaves para revolucionar sua igreja** Unaspress SP: 2007

ROSA, P. C.; DAY, J. **Os Desafios de Uma Grande Cidade**: Disponível na Faculdade Teológica Batista de Brasília. 1998.

SCHWARZ, A. C.; CHRISTOPH S. **A prática do desenvolvimento natural da Igreja**. 2. ed. Curitiba: Editora Evangélica Esperança. 2009.

SCHWARZ, A. Schwarz. **A teologia do desenvolvimento da Igreja**. 2. ed. Curitiba: Editora Evangélica Esperança. 2009.

_____. **Mudança de Paradigma na Igreja**. Curitiba: Editora Evangélica Esperança. 2001.

_____. **O Desenvolvimento Natural da Igreja**. Curitiba: Editora Evangélica Esperança. 1996.

SHELLEY, Bruce L. **História do Cristianismo ao Alcance de Todos**. Rio de Janeiro. RJ: Editora. Shedd, 1993.

TYMCHAK, Waldemiro. (Equipe da JMM sob a coordenação de) **Missões em Um Mundo Sem Fronteiras**. Rio de Janeiro: JUERP, 2004.

TIPPET, Alan. (1970). **A Palavra de Deus e o Crescimento da Igreja**. São Paulo: Edições Vida Nova.

WAGNER, Peter. **Estratégia Para o Crescimento da Igreja**. São Paulo. Editora Sepal, 1995.

WALKER, W. **História da Igreja Cristã**. vol I,II,III Aste. S. Paulo: 1967.

ANEXOS

ANEXO 01

- Figura 01 – Índice de Qualidade de Crescimento de Igreja
- Figura 02 – Diagrama em Colunas – O perfil de uma igreja

ANEXO 02

- Figura 03 – Ilustração do Barril – O fator mínimo
- Figura 04 – O dois lados do cérebro humano – A criação de Deus e a lei da bipolaridade

ANEXO 03

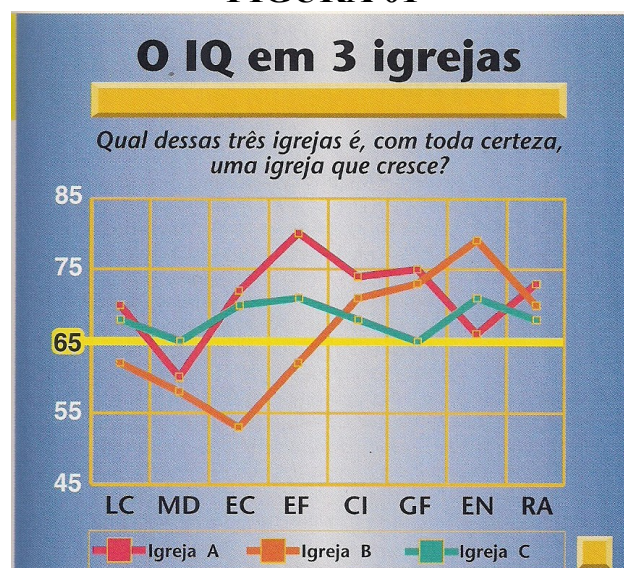
- Figura 05 – Conceito da Bipolaridade na Igreja – Pólo dinâmico e estático
- Figura 06 – Paradigma da Espiritualização e Tecnocracia

ANEXO 04

- Figura 07 – Desdobramento dos paradigmas diferentes

ANEXO 01

FIGURA 01



O índice de qualidade de três igrejas diferentes: A “hipótese do nível 65” diz que a igreja C (curva verde) é com certeza uma igreja que cresce.

Fonte: SCHWARZ, A. Christian. **O Desenvolvimento Natural da Igreja**. Curitiba: Editora Evangélica Esperança. 1996. p43)

FIGURA 02

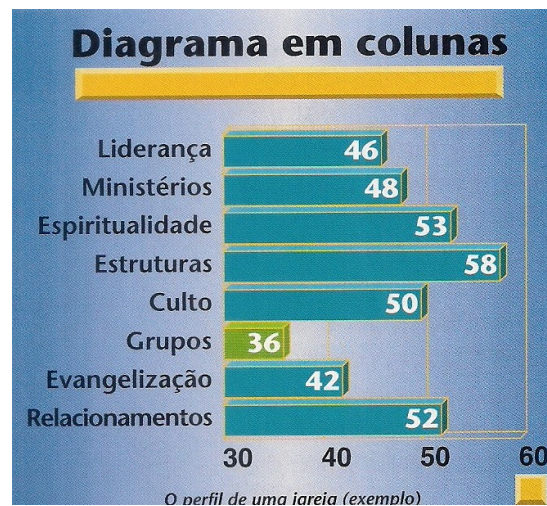


Ilustração do perfil de uma igreja: O fator mínimo aqui é a marca de qualidade “grupos familiares.”

Fonte: SCHWARZ, A. Christian. **O Desenvolvimento Natural da Igreja**. Curitiba: Editora Evangélica Esperança. 1996. p50)

ANEXO 02

FIGURA 03

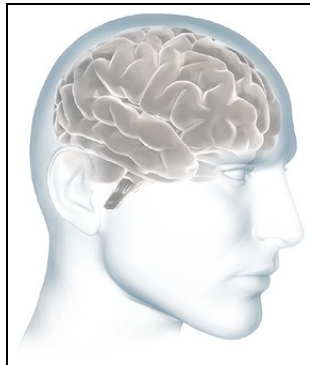


Na figura do barril a altura de cada “ripa” indica o nível da marca de qualidade. A “ripa” mais curta determina o quanto de água vai caber no barril, e, portanto, indica o fator “mínimo”.

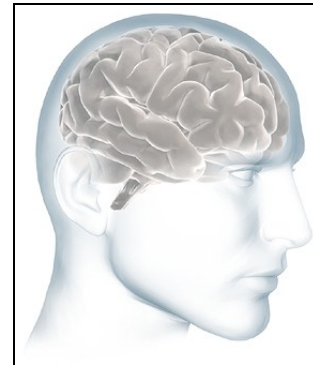
Fonte: SCHWARZ, A. Christian. **O Desenvolvimento Natural da Igreja**. Curitiba: Editora Evangélica Esperança. 1996. p53)

FIGURA 04

A criação de Deus e a Lei da bipolaridade



O lado esquerdo controla os movimentos do lado direito do corpo. É responsável pelo pensamento lógico e competência comunicativa.



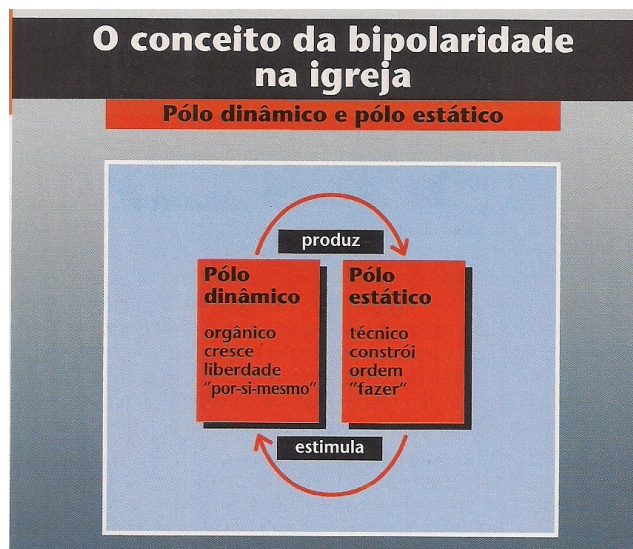
O lado direito controla os movimentos do lado esquerdo do corpo. É responsável pelo pensamento simbólico e criatividade.

Fonte: ANDRADE, Geanne Matos de. – **O Córtex Cerebral** –

Disponível em: [http://www.fisfar.ufc.br/abre em PDF](http://www.fisfar.ufc.br/abre%20em%20PDF) - Acessado em: 23.08.2010

ANEXO 03

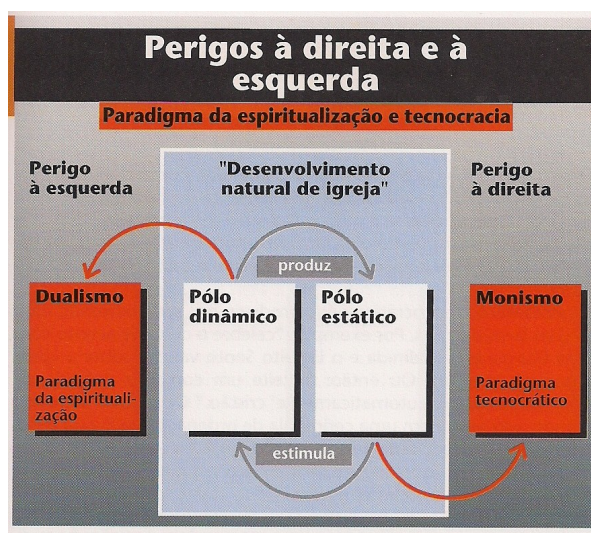
FIGURA 05



O círculo que relaciona os dois pólos é o símbolo gráfico para a atuação do Espírito Santo. É ao mesmo tempo um símbolo da liberação do potencial natural, que surge da coexistência positiva e criativa dos dois pólos.

Fonte: SCHWARZ, A. Christian. **O Desenvolvimento Natural da Igreja**. Curitiba: Editora Evangélica Esperança. 1996. p85

FIGURA 06



A estratégia do desenvolvimento natural de igreja e os perigos à direita e à esquerda: enquanto o “monismo” confunde um pólo com o outro, o erro do dualismo é separar os pólos um do outro.

Fonte: SCHWARZ, A. Christian. **O Desenvolvimento Natural da Igreja**. Curitiba: Editora Evangélica Esperança. 1996. p87

ANEXO 04

FIGURA 07



Desdobramentos dos três paradigmas apresentados sobre as diversas questões teológicas.

Fonte: SCHWARZ, A. Christian. **O Desenvolvimento Natural da Igreja**. Curitiba: Editora Evangélica Esperança. 1996. p89